

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS X  
CURSO DE LETRAS VERNÁCULAS**

***LUNARIS* DE CARLOS RIBEIRO: DIÁLOGO ENTRE A  
ESTÉTICA PÓS-MODERNA E OUTROS MOVIMENTOS  
LITERÁRIOS**

**Hélio Adriano Souza de Jesus  
Wellington Silva Neto**

**Teixeira de Freitas  
2011**

**HÉLIO ADRIANO SOUZA DE JESUS  
WELLINGTON SILVA NETO**

***LUNARIS* DE CARLOS RIBEIRO: DIÁLOGO ENTRE A  
ESTÉTICA PÓS-MODERNA E OUTROS MOVIMENTOS  
LITERÁRIOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras Vernáculas pelo Departamento de Educação – Campus X da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Esp. Arolda Maria da Silva Figueredo.

**Teixeira de Freitas  
2011**

**HÉLIO ADRIANO SOUZA DE JESUS  
WELLINGTON SILVA NETO**

***LUNARIS* DE CARLOS RIBEIRO: DIÁLOGO ENTRE A  
ESTÉTICA PÓS-MODERNA E OUTROS MOVIMENTOS  
LITERÁRIOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras Vernáculas pelo Departamento de Educação – Campus X da Universidade do Estado da Bahia, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Esp. Arolda Maria da Silva Figueredo.

Teixeira de Freitas, 16 de agosto de 2011.

---

Prof<sup>a</sup> Esp. Arolda Maria da Silva Figueredo  
(orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Esp. Josinea Amparo Rocha Cristal

---

Prof<sup>a</sup> Msc. Helânia T. Porto Veronez

Dedicamos esse trabalho, primeiramente a Deus e aos orixás, a nossa sábia orientadora Arolda Maria da Silva Figueredo, a todos os professores, à coordenadora do Colegiado de Letras Vernáculas, Josinéia Amparo Rocha Cristal, à Professora Helânia Tomazine Porto Veronez, que muito nos incentivou e ajudou, à doce Mirna e todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para o sucesso do nosso curso.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus criador do universo e aos orixás que nos deram todas as condições para que chegássemos aonde chegamos, nos dando saúde, paz, sabedoria, forças e tudo o que precisamos.

Aos nossos familiares, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que chegássemos ao fim deste percurso.

Ao nosso amigo Lucas, que gentilmente esteve presente no decorrer da confecção deste trabalho, nos cedendo sua internet para que pudéssemos nos comunicar à distância.

À Renata, esposa de Wellington, que deu a ele uma alegria a mais em sua vida e o motivou nos momentos mais angustiantes.

A todos os professores do curso de Letras, com os quais tivemos a oportunidade e o prazer de aprender.

Aos colegas do curso de Letras, pelo companheirismo.

A nossa orientadora Prof<sup>a</sup> Esp. Arolda Maria da Silva Figueredo que possibilitou a conclusão desse estudo, nos atendendo sempre com a maior presteza e paciência, dando todo o apoio necessário.

À nossa Professora Msc. Helânia Tomazine Porto Veronês, que esteve sempre disposta a nos ajudar, sempre que solicitada.

A coordenadora do Colegiado de Letras, Prof<sup>a</sup> Esp. Josinéa Amparo Rocha Cristal que sempre nos atendeu com muita atenção e nos auxiliou das mais diversas maneiras para que esse trabalho se cumprisse com êxito.

E, em especial, aos nossos pais que sempre estiveram orando pelo nosso sucesso.

“Esse relativismo sem limites que se impôs na cultura ocidental na segunda metade do século XX é um dos grandes males dos nossos tempos, dessa chamada contemporaneidade (torceu um pouco a boca, quando disse esta palavra). – Existem sim, valores sólidos absolutos e precisamos nos fortalecer em torno desses valores. A Honestidade, a Ética, a Fraternidade. Acreditar nisso é uma postura política. Não me agrada essa postura cínica dos intelectuais da nossa (torceu a boca, mais uma vez) contemporaneidade. A propósito, li outro dia uma frase esclarecedora: “o cinismo é a falsa consciência esclarecida”.”

RIBEIRO, 2007, p. 27

## RESUMO

Este trabalho é o resultado da análise das características de movimentos literários passados presentes em *Lunaris*, de Carlos Ribeiro. Utilizou-se da metodologia da pesquisa bibliográfica, numa perspectiva dialética, uma vez que foi necessário relacionar a Teoria Literária e o contexto histórico de cada período com a obra base desse estudo. Dessa forma foram identificados os motivos pelos quais algumas características se repetem de um período literário para outro, principalmente aqueles que se encontram presentes na obra contemporânea *Lunaris*. Com base nos estudos feitos no decorrer da pesquisa, pautados por grandes estudiosos da literatura e da sociedade, como Cademartori, Geraldo Matos, Campedelli, Kierkegaard, Penha, Lefebvre, Baudelaire, Kajawski, Jameson, Fábio Lucas, Dalcastagne, Stuart Hall, Eagleton e outros, pôde-se constatar que o contexto histórico é o responsável pelos elementos que definem um período literário e que, por vezes, algumas delas ressurgem em movimentos literários posteriores não por simples desejo dos escritores em trazer de volta o velho, mas sim, movidos por fatores sociais, políticos e ideológicos presentes no contexto histórico de sua época. Dessa forma constata-se que, embora algumas escolas literárias apresentem características semelhantes, estas ocorrem por motivos e situações distintas, no caso da escrita pós-moderna/contemporânea. Os estudos revelam que é impossível determinar os aspectos identificadores das obras desse momento literário por esta ser plural. Pluralidade essa advinda da transitoriedade veloz deste conturbado momento histórico, no qual vivem seres, múltiplos, complexos, inconstantes e desorientados diante de uma realidade constantemente mutante. Toda essa confusão é convertida para uma literatura também múltipla, de características diversas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contemporaneidade; Literatura; *Lunaris*, Carlos Ribeiro; Movimentos Literários.

## ABSTRACT

This work is the result of the analysis of the characteristics of past literary movements present in *Lunaris*, by Carlos Ribeiro. We used the methodology of the research literature on a dialectical perspective, since it was necessary to relate the Literary Theory and the historical context of each period with the main book from this study. Thus we identified the reasons why some features are repeated from one literary period to another, especially those that are present in the contemporary book *Lunaris*. Based on studies made during the research, guided by great scholars of literature and society, as Cademartori, Geraldo Matos, Campedelli, Kierkegaard, Penha, Lefebvre, Baudelaire, Kajawski, Jameson, Fábio Lucas, Dalcastagne, Stuart Hall, Eagleton and others, we could verify that the historical context is responsible for elements which defining a literary period and sometimes some of them reappear later in literary movements not by simple writer's desire to bring back the old, but rather moved from social, political and ideological factors present in the historical context to their epoch. Thus, we can verify that even some literary schools share similar characteristics, they occur for different reasons and situations, in the case of contemporary writing. Studies show that it is impossible to determine identifying aspects of books from this literary moment because it is plural. This plurality comes from the fast transience to this troubled historical moment, in which live multiple, complex, and unstable beings, disoriented in the face of a constantly changing reality. All this confusion is also converted to a multiple literature of different characteristics.

KEYWORDS: literature, literary movements, *Lunaris*, by Carlos Ribeiro, Contemporary, Historical Context.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 PONTOS EM COMUM.....	12
1.1 BARROCO: CONFLITOS E CRISES AGÔNICAS.....	12
1.2 ROMANTISMO: FANTASIA E EVASÃO.....	15
1.3 REALISMO: DENÚNCIA OBJETIVA DA REALIDADE CAPITALISTA....	17
1.3.1 Belle Èpoque.....	17
1.3.2 Simbolismo: Língua gêm dúbia e confusa.....	21
1.3.3 Impressionismo: Forma particular de expor a realidade.....	23
1.4 PRÉ-MODERNISMO: CONFLITO DE TENDÊNCIAS.....	24
1.5 MODERNISMO: VIVA O NOVO, A ORDEM É ROMPER COM O PASSADO.....	25
1.5.1 Hora de chocar e recriar.....	25
1.5.2 As fases do Modernismo: diferentes faces de um mesmo movimento.....	31
1.5.3 Marcas da violência: A Ditadura Militar.....	35
1.6 PÓS-MODERNIDADE: PERÍODO CONTEMPORÂNEO.....	38
2 O EXISTENCIALISMO EM <i>LUNARIS</i> .....	41
3 ASPÉCTOS DA NARRATIVA.....	45
3.1 ESCRITA PLURAL.....	45
3.2 REFLEXOS DA BELLE ÈPOQUE NA ESCRITA CONTEMPORÂNEA....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS .....	61

## INTRODUÇÃO

A literatura pode ser descrita como a arte da palavra. Ela se utiliza da palavra, escrita ou falada, para recriar o mundo real, para dar vida à fantasia, para dar voz às emoções e aos pensamentos. Em qualquer um dos casos descritos a literatura está diretamente ligada ao poeta, ao escritor e a forma como este vê, sente e pensa a realidade em que vive.

Ao utilizar a realidade como base para dar vida à literatura, o autor deixa, mesmo que inconscientemente, suas marcas pessoais na obra. Marcas essas capazes de revelar, dentre outras coisas, sua cultura, suas inclinações políticas, seu contexto social, suas experiências de vida, suas frustrações, seus anseios etc.

É por esse motivo que a literatura é considerada fonte inesgotável de conhecimento, capaz de proporcionar o conhecimento de diferentes culturas, e que o estudo de obras literárias do passado ajuda os historiadores a desvendar características importantes acerca da cultura de diferentes povos. Por essa razão é que a literatura está dividida em Períodos Literários.

Cada período literário está diretamente ligado a um conjunto de acontecimentos históricos que influenciou a sociedade desse período e determinou as características comuns a todas as obras produzidas nessa mesma época. Teoricamente, cada período literário possui um conjunto de características que o diferencia dos demais. É com base nesse conjunto de características que se pode dizer a qual período literário uma determinada obra literária pertence.

A análise da obra *Lunaris*, de Carlos Ribeiro, leva o leitor a refletir acerca das características da escrita contemporânea. Seriam essas características novas ou simplesmente o retorno de características de períodos literários anteriores? Seria a escrita contemporânea o resultado de uma mistura de elementos de escolas literárias anteriores? E se for, como isso se deu na obra?

Ao analisar obras da atualidade fica difícil não notar que se encontram nelas presentes características de escolas literárias do passado. Mas por que isso ocorre? Será que somente as obras contemporâneas trazem de volta elementos do passado?

Da busca por essas respostas surgiu a presente análise que fará um breve passeio por movimentos literários como o Barroco, o Romantismo, o Realismo e o

Modernismo, apontando, dentro do possível as características que ressurgiam de um movimento para o outro, bem como, as características desses movimentos presentes na obra *Lunaris*, de Carlos Ribeiro.

Dentro desse panorama que será traçado, o enfoque maior será dado ao Modernismo, ao Pós-modernismo e à contemporaneidade, pois são os períodos mais conturbados e mais presentes na obra ribeiriana.

Dentre as características mais marcantes está a evasão da realidade. Aliás, todo o enredo da obra gira em torno de questões existencialistas que resultam nessa evasão. A primeira impressão que se tem, ao ler a obra é que Alberto, professor universitário de Literatura, 43 anos, personagem central da obra, se sente deslocado com uma Salvador que crescerá muito rápido, não dando tempo para que ele acompanhasse as mudanças. Por causa disso, o personagem se recusa a viver nessa realidade conflitante e cria um mundo imaginário, o qual ele pode controlar, no qual ele pode fazer aquilo que lhe dá prazer, mesmo as coisas mais simples, como “caminhar pelas ruas da sua cidade, com as mãos no bolso de um casaco [...] sob rajadas de vento de um inverno inexistente,” (RIBEIRO, 2007. p. 18) mesmo sem ter casaco algum. Esse mundo alternativo é, para ele, uma forma de vingar-se do mundo, de burlar as regras e ditames sociais, de ser efetivamente livre. É através do recurso da fantasia que ele viaja ao passado, a uma época agradável de sua infância onde tudo era do jeito que ele gostava, onde a vida parecia ser mais simples. O problema é quando ele começa a perder o controle dessa fantasia e daí surge toda a trama.

A angústia vivida pelo personagem da obra de Carlos Ribeiro também é fator de análise nesse trabalho, uma vez que se pode notar que essa angústia também é característica comum às obras de outros períodos literários, como o Barroco, o Romantismo, o Modernismo e Pós-modernismo.

Nesse ponto, o Barroco se revela o período que possui mais elementos comuns à Contemporaneidade, devido, principalmente às semelhanças no contexto histórico de ambos os períodos.

Dentre os contextos históricos aqui descritos ganharam destaque nesse trabalho um momento histórico francês do século XIX, denominado *Belle Époque* – período em que a França sofrera mudanças profundas devido aos avanços científicos e tecnológicos, que levaram a aceleração industrial e favoreceram a

qualidade de vida no país; e a Ditadura Militar Brasileira, ambos períodos que contribuíram significativamente para grandes inovações no campo literário.

Nesse sentido, para dar corpo a essa pesquisa foi necessário “beber em diversas fontes”, tanto em livros de história quanto em livros teóricos de literatura e sociologia. Ao final da pesquisa, teóricos como Cademartori, Geraldo Matos, Campedelli, Kierkegaard, Penha, Lefebvre, Baudelaire, Kujawski, Jameson, Fabio Lucas e Dalcastagné foram selecionados para fundamentar o presente trabalho. Foi necessário passar por todas as escolas literárias, seus contextos históricos, suas características, enfim, tudo que o fosse necessário para fazer o levantamento das características da obra ribeiriana, comuns aos períodos literários anteriores.

Todo esse trabalho gerou uma pesquisa interessante que possibilitará compreender a forma como o contexto histórico influencia as características da produção literária de uma época, bem como mostrar que há características literárias que retornam de um período para outro mesmo que trazidos por motivos diferentes.

## 1 PONTOS EM COMUM

### 1.1 Barroco – Conflitos e Crises Agônicas

Vale notar que mesmo que um movimento literário termine, algumas de suas características permanecem presentes em obras de épocas posteriores.

A obra *Lunaris* de Carlos Ribeiro, embora seja contemporânea, traz traços comuns de movimentos literários anteriores como o Barroco, o Romantismo, o Simbolismo, Impressionismo e o Modernismo.

No período renascentista, acontecimentos como a invenção da bússola e o desenvolvimento naval, que possibilitou a descoberta de novas terras através das grandes navegações e, conseqüentemente, o crescimento do comércio, gerando assim o desenvolvimento das cidades portuárias, levaram a uma valorização crescente das conquistas humanas, enfraquecendo o Teocentrismo e fortalecendo o Antropocentrismo. As idéias teocêntricas de que o destino de cada um era previamente determinado por Deus, não cabendo ao homem desejar mudá-lo por incorrer em sacrilégio, deu lugar à concepção Antropocêntrica de que cabe a cada indivíduo escrever o próprio futuro, guiado pela razão e pelo conhecimento científico. Os intelectuais buscavam inspiração na antiguidade clássica. Em 1517 o poder religioso católico enfraqueceu com a Reforma que dividiu a Igreja entre católicos e protestantes.

Na metade do século XVI, mais precisamente em 1563, a Igreja Católica percebendo seu declínio, buscou reverter o triste quadro que se desenhava e investiu duramente na Contra-Reforma, ideologia que visava recuperar o prestígio religioso atraindo novamente os fiéis para o seio da igreja e, dessa forma, conter o avanço protestante.

No setor econômico, no final do século XVI e início do século XVII, o comércio se desenvolvia rapidamente alavancado pela política econômica do mercantilismo, sendo este baseado no comércio de metais, no desenvolvimento naval que favorecia o transporte de mercadorias e no acúmulo de capitais por parte da burguesia, classe essa que passou a ter forte poder econômico. Conhecedora do poder que detinha, lutava para participar ativamente das decisões políticas, juntamente com a nobreza e o clero, e passou a pressionar politicamente o rei e a nobreza.

Diante de tantas mudanças e revoluções nos cenários: religioso, político e social, muitos valores perdidos com o Renascimento voltaram à cena passando a conviver paralelamente com os valores renascentistas. Essa mistura de valores distintos e, por vezes, antagônicos gerou um ambiente de dualismo e contradições, que se refletiram na literatura e na arte produzidas nesse período denominado Barroco.

Segundo Cademartori (1986):

O elemento cristão da Idade Média e o racionalista do Renascimento geraram o dualismo barroco, característico de um período em que o homem busca a conciliação do espiritualismo medieval com o humanismo posto em voga pelos renascentistas. (1986, p. 28).

Vale lembrar que o indivíduo deste período vivia em um mundo de realidade conflituosa, pois ainda eram fortes as influências científicas e humanistas do Renascimento quando a ideologia da renovação da fé cristã foi inserida pela Contra-Reforma católica. As doutrinas antropocêntricas e teocêntricas viviam lado a lado. O espiritual e o material, a razão e a fé exerciam o mesmo poder sobre a sociedade, que tentava conciliar ambas as tendências.

Tantas contradições, porém, geraram inúmeros conflitos na consciência do homem barroco, por isso, a principal característica da literatura desse período é a dualidade expressa por meio de antíteses e paradoxos. De acordo com Cademartori (1986) o conflito interno é evidenciado por meio de temas que revelam a passagem irreversível do tempo, o desengano, à solidão, o sentimento de agonia, a teatralidade do mundo.

Assim como o homem do período barroco, o homem contemporâneo evidenciado através de Alberto, personagem ribeiriana, se sente angustiado, pessimista, em conflito com suas convicções, com a sociedade em que vive, com uma “sensação de estar à beira de uma catástrofe irremediável” (2007, p. 15) como se algo de muito ruim estivesse acontecendo secretamente, e que o pior ainda estivesse por vir. É por essa razão que:

Uma das características da personalidade de Alberto, talvez a que ele mais se esmerava em ocultar, era a compreensão cristalina de que ele não tinha absolutamente certeza de nada. Por isso admirava, com um secreto e sincero ardor, todas as aquelas pessoas que tinham convicções, embora ficasse verdadeiramente alarmado quando se sentia convicto de qualquer

coisa [...] Espantava-se que alguém pudesse ter certeza do que quer que fosse no mundo [...] (RIBEIRO, 2007, p. 18).

Alberto, assim como o homem barroco do século XVII, vive em um mundo repleto de contradições, de quebra de paradigmas e valores, de mudanças sociais contínuas alavancadas principalmente por meio do capitalismo e do consumismo. Esse mundo contraditório afeta o homem de tal forma que faz com que ele não consiga mais ter certeza de nada. Tudo é incerto.

Tais contradições podem ser notadas também em seu discurso repleto de paradoxos e antíteses. É o que deixa notar algumas partes do discurso de Alberto, como este:

A cidade é o meu elo com as pessoas. Uma forma de não me perder. Talvez tenha a ver com a ideia da solidão como caminho para a comunhão. A única forma de amar alguma coisa é saber-se separado dela. É impossível amar verdadeiramente se nos sentimos apenas como uma ovelha do rebanho. (2007, p. 30).

Pode-se perceber que o personagem encontra-se confuso. Seu discurso é sem sentido e antitético uma vez que traz palavras de sentidos contraditórios como “solidão” em oposição à “comunhão”, ou a ideia de que “para amar é preciso estar separado”. Mas é importante notar, também, que o personagem tem consciência das incongruências de seu próprio discurso, pois o narrador revela que “Alberto sabia que aquilo, na verdade, não explicava nada.” (2007, p. 30).

No ponto de vista religioso, a personagem ribeiriana é uma persona cética, racional, bem ao estilo renascentista, que deseja, porém ter algo em que acreditar. Isso porque, “talvez Alberto, como muitas outras pessoas da sua geração, sem o saber ou sequer imaginar tal coisa, aguardasse aquilo que mais desprezavam: um Messias.” (2007, p. 41).

Isso acontece porque, com a evolução do mundo moderno, o homem foi se tornando cada vez mais voltado às ciências e tecnologias, com isso, muitos dogmas religiosos foram derrubados e a igreja foi perdendo seu espaço em uma sociedade cada vez mais capitalista. Note-se como o panorama contemporâneo mantém traços comuns também com o período Barroco. Como resultado, os indivíduos de ambos os períodos mantêm características comuns, sendo em ambos seres descritos como ambíguos, confusos, conflituosos e agônicos. Affonso Ávila, em seu livro *O lúdico e as projeções no mundo barroco II*, vem dizer que:

O homem barroco e o do século XX são um único e mesmo homem agônico, perplexo, dilemático, [...] Vivendo aguda e angustiosamente sob a órbita do medo, da insegurança, da instabilidade, tanto o artista barroco quanto o moderno exprimem dramaticamente o seu instante social e existencial, fazendo com que a arte também assuma formas orgânicas, perplexas, dilemáticas. (ÁVILA, 1980, p. 26).

Toda essa confusão de sentimentos presentes no homem contemporâneo, assim como o que ocorreu com o homem barroco, é o resultado da dificuldade em acompanhar e assimilar todas as mudanças pelas quais a sociedade vem passando dia após dia e, dessa forma, encontrar o equilíbrio pessoal. Desequilibrado, esse homem se sente frágil, incapaz de reagir, entregando-se assim à angústia e ao desespero.

## **1.2 Romantismo: Fantasia e Evasão**

Com a Revolução Francesa, a Revolução Industrial e a conseqüente ascensão da burguesia, fatos que marcaram o fim do século XVIII, provocaram a mudança do panorama mundial no qual o homem passou então a voltar-se para a própria realidade, para a própria terra, a própria nação, se tornou mais reflexivo, subjetivo e individualista. Desse abandono da razão e predomínio do sentimento surgiu o movimento literário conhecido como Romantismo. Características marcantes desta fase são: o desequilíbrio, a liberdade, a imaginação, a fantasia, o exagero, o espiritualismo, a preocupação com a própria terra e a antiguidade nacional.

No caso do Brasil, que não dispunha dessa antiguidade, o homem dedicou-se à busca da identidade nacional, ao nacionalismo ufanista, exaltando as qualidades de tudo o que fosse legitimamente brasileiro. Dessa forma, os românticos brasileiros transformaram o índio no ícone nacional, o símbolo do romantismo brasileiro. Porém, Cademartori adverte que, devido a esse caráter simbólico, o índio romântico não corresponde ao real, pois se trata de uma individualização nacional, afirmação da autonomia estética e política brasileira. (1986, p. 41). Em outras palavras, o indígena brasileiro, presente nas manifestações artísticas do período, nada mais era do que



uma idealização de índio, criado pela burguesia brasileira aos moldes europeus de beleza, robustez, força, coragem e heroísmo.

Além dessas características, segundo Cademartori:

O individualismo, o emocionalismo e o moralismo são, segundo esse prisma, as características marcantes do início do Romantismo. A estas, acrescenta-se mais tarde a propensão à melancolia e ao pessimismo. O homem romântico sofreu a discrepância entre o sonho e a realidade, vítima do conflito entre as ilusões e a trivialidade da vida burguesa. (1986, p. 38).

Nesse período, o romântico era tão individualista que acha que o mundo deveria se adequar aos seus anseios e quando percebia que isso não era possível sentia-se frustrado e pessimista. Numa tentativa de escapar da depressão procurava formas de fugir da realidade que o cercava, como: *a volta ao passado*, que podia ser manipulado pelas lembranças, ajustando-o ao seu bel prazer; *o culto a natureza*, que permanece sempre inalterada, estática; e *a religiosidade*, que lhe dava a esperança de um novo mundo, perfeito.

Na obra *Lunaris*, encontramos bem marcadas muitas das características desse período, sendo o recurso da fantasia como fuga da realidade, a mais aparente. É o que se pode notar no seguinte trecho da obra:

Tinha, às vezes, vontade de colocar os pés num terreno neutro, numa outra dimensão, na qual poderia fazer tudo o que quisesse sem que fosse atingido por qualquer conceito ou preconceito. Uma das suas diversões preferidas era deixar-se entregar-se à fantasia de que habitava aquele lugar. Era um estimulante exercício de imaginação, inofensivo, é verdade, mas que se constituía, sem que ninguém o soubesse, numa espécie de vingança contra o mundo, contra tudo o que a civilização, com seus valores, representava em sua vida. Era seu único espaço de liberdade, no qual ninguém, nem mesmo as pessoas mais íntimas das suas relações, poderia penetrar. (2007, p. 16).

O narrador da obra apresenta Alberto, homem contemporâneo, que se sente tão angustiado, perturbado e desajustado com o presente, com o mundo que habita, que na tentativa de fugir dessa realidade, recorre constantemente à fantasia para fazer aquilo que lhe dá prazer, mesmo as coisas mais simples, como “caminhar pelas ruas da sua cidade, com as mãos no bolso de um casaco [...] sob rajadas de vento de um inverno inexistente,” (RIBEIRO, 2007. p. 18) mesmo sem ter casaco algum. Esse mundo alternativo é, para ele, uma forma de vingar-se do mundo, de burlar as regras e ditames sociais, de ser efetivamente livre.

É ainda através da fantasia que esse homem viaja ao passado, a uma época agradável de sua infância onde tudo já está definido, onde não há surpresas desagradáveis. É dessa forma que Alberto pode ver-se retornando à infância e ir gradativamente se aproximando de um momento mais próximo do seu contexto atual

[...] aos nove anos de idade, olhando, fascinado, uma luminária, na vitrine de uma loja, na Avenida Carlos Gomes; viu-se jogando bola (salão) com os amigos em Itapuã; viu-se, anos mais tarde, sobre as dunas dos Ex-combatentes, no final da tarde, extasiado como o reflexo do sol poente numa velha pick-up que trafegava lá em baixo, na avenida; viu-se numa infindável sucessão de momentos e imagens – mas ao final de tudo, continuava vazio. (RIBEIRO, 2007, p. 51).

Esse vazio decorre do fato de perceber que sua alegria em reviver momentos bons foi passageira e que está de volta ao mundo real, numa desgastante e incerta realidade. Realidade esta que não o agrada, não lhe dá prazer, na qual não consegue se inserir, não consegue sentir-se como integrante. Sendo, dessa forma, a fantasia seu último recurso para obter felicidade e sentir-se pleno.

O homem romântico, porém, com o passar do tempo, foi se tornando cada vez mais distante da realidade, fantasioso, irreal demais. Seus excessos provocaram a criação de uma corrente de oposição a ele denominada Realismo, que teve como marco inicial a obra *Madame Bovary (1857)* de Gustave Flaubert.

### **1.3 Realismo: A Denúncia Objetiva da Realidade Capitalista**

#### **1.3.1 Belle Epoque**

Para entender melhor estas crises, deve-se recorrer ao século XIX, principalmente ao contexto da antiga França, a qual viveu um momento de transformação nomeado *Belle Époque*. Analisar-se a este período porque fora marcado como uma época de transformações vertiginosas, na qual os avanços científicos somados à técnica e à aceleração industrial favoreceram o aumento da qualidade de vida na Europa, principalmente na antiga França, devido à idéia

revolucionária de um momento histórico pelo qual estava passando a sociedade burguesa.

Segundo Lefebvre (1969), Marx, no século XIX abre um discurso acerca destas transformações aceleradas no Estado. Lefebvre afirma que Marx percebeu e refletiu sobre o conceito de moderno e modernidade. “O termo moderno sob os olhos de Marx teria de haver com a ascensão da burguesia, o crescimento econômico, o estabelecimento do capitalismo, suas manifestações políticas e, sobretudo, a crítica deste conjunto de fatos históricos.” (LEFEBVRE, 1969). Ora o conceito de modernidade para Marx surge no conceito político, como uma crítica à nova estrutura política e à modificação da práxis social. *Ele* “designa uma forma de Estado, o Estado erguido acima da sociedade, mas também a relação desta forma com a vida cotidiana como uma prática social em geral.” (LEFEBVRE, 1969, p. 200).

Proporcionar uma mudança de pensamento em que o homem fosse colocado como foco das atenções era o pensamento da era iluminista, em que o cientificismo depositava seus esforços na transformação social através das pesquisas. O avanço tecnológico proporcionou às cidades um crescimento populacional em espaço e densidade. O meio urbano tornou-se a inspiração para a melhoria de vida, o homem libertava-se do meio rural na busca de uma nova identidade. A rua deixava de ser via de passagem adquirindo vida e personalidades próprias como lugar de passeio, de comunicação, de ostentação, exibição de status entre vitrines deslumbrantes e grandes profusão de cafés e confeitarias. A vida se tornou veloz, o dinamismo urbano era sitiado por uma falsa democracia, superexaltada pelo esnobismo capital dos bens de consumo, representada pelas desigualdades inerentes da época. Há naquele momento a saturação dos bens de consumo, e a produção deles tinha que acompanhar a crescente demanda do mercado, ou seja, o centro urbano saturado de coisas novas, sempre em abundância e em movimento acelerado correspondendo densidade e aceleração do tempo histórico. Como cita Kujawski “este passa rápido, e num só ano, num só mês, numa só semana, desencadeia-se um tropel de ocorrências inesperadas.” (1991, p. 09). A Belle Époque caracterizou-se como a subida vertiginosa do nível histórico, uma vez que houve a saída do âmbito rural devido à elevação da qualidade de vida social na Europa levada pela aceleração da indústria. O momento de reavivamento em valores sociais daquele

homem que, para época, não teria nenhuma possibilidade da subida social, este, sem restrição de classe, teria sua chance de obter seu lugar ao sol.

Marx contesta esta forma de Estado em que a abstração do Estado como tal pertence apenas aos tempos modernos, porque a abstração da vida privada pertence apenas aos tempos modernos, ou seja, há a exaltação do homem dentro de uma pseudo democracia, que o homem é produto desta abstração do Estado. Uma democracia não livre. O dualismo real pertencente apenas ao mundo moderno. Um dualismo direcionado a escalas que transcendem a visão clássica. Existe agora um novo tipo de crise. A crise moderna.

Há uma conexão estabelecida por Marx entre o formalismo, abstração e a vida privada, que leva a uma análise da prática social. A qualidade de vida apresentada pela Belle Époque como algo sublime e de ascensão social é racional, contudo mostra que a sociedade burguesa (capitalista) caracterizada pela separação e dualidade levadas a estados altos, em que o homem em sua essência é colocado como uma coisa material.

Baudelaire, da mesma maneira representa este homem, como um ser solitário com uma mente ávida, viajando através dos vales humanos e que possui um objetivo mais válido do que algo frívolo, um objetivo mais honroso do que o prazer fugitivo da circunstância, este homem procura aquela coisa que permitirá denominar a modernidade, como cita Lefebvre em seus estudos, como a perda da ingenuidade e também uma terrível perda das ilusões, mas que a modernidade caracterize-se exclusivamente pelo esnobismo e a apologia incondicional dela própria.

Para Baudelaire o “moderno” é o efêmero, a moda é fugaz o inverso do dualismo humano. Baudelaire faz uma crítica às modas francesas como perceberemos na citação abaixo.

Se um homem imparcial sublinhasse uma a uma todas as modas francesas desde a origem da França até nossos dias, ele não encontraria nada de chocante nem mesmo de surpreendente. As transições seriam tão abundantemente organizadas como na escala do mundo animal. Ponto de lacuna, logo, ponto de surpresa. E se ele acrescentasse à vinheta que representa cada época o pensamento filosófico com que ela mais se preocupava e agitava, pensamento cuja vinheta sugere inevitavelmente a lembrança, ele veria que profunda harmonia rege todos os membros da história... É aqui uma bela ocasião para se estabelecer uma teoria racional e histórica do belo, para mostrar que o belo é sempre inevitavelmente, de uma composição dupla [...] de elemento eterno, variável e de um elemento relativo, circunstancial, que será alternativamente ou conjuntamente a época, a moda, a moral a paixão[...] (BAUDELAIRE, apud LEFEBVRE, 1969, p. 326).

Baudelaire aceita o mundo (Francês), mas decide fomentar a discussão acerca do efêmero focado nos modismos franceses os quais se repetiam em um movimento cíclico elusivo, sendo tão organizados quanto o raciocínio animal. Ele identifica o moderno com a moda. O racional é irracional. Busca inverter o sentido de belo para algo vago. O conceito de moda é identificado como o conceito de moderno. Designa o novo pelo novo nas suas perspectivas mais passageiras, sendo estes mais contundentes ao conceito expresso por Baudelaire.

Baudelaire vai além dos estudos sociológicos e científicos. Ele descreve a preocupação com o fazer humano, sua práxis social. Observa o dualismo humano conciliado com as contradições sociais. Baudelaire avança seus estudos acerca da arte pela arte, um elemento de elevação espiritual.

Segundo Lefebvre (1969), Marx pensava o mundo moderno politicamente. Ele subordinava os outros conhecimentos aos conhecimentos políticos, ligados a uma idéia de uma práxis unitária e total. Baudelaire monitora o seu pensamento ao pensar estético do mundo moderno, subordinados à arte os outros gêneros da ação e do conhecimento.

A confrontação dos textos dos filósofos acima revela um debate maior sobre o comportamento humano em frete ao que se chama de moderno, principalmente naquela época. Eles demonstraram que a mudança da práxis social e das artes pode ocasionar um fluxo negativo no pensamento humano, de modo que estes pensamentos negativos avancem como herança para as gerações futuras.

O surgimento de novas tecnologias, invenções que se colocaram à frente das velhas formas de cultura e desenvolvimento da época, produziu no homem europeu um posicionamento melhor na estrutura sócio-política do período, possibilitou à sociedade em geral – através dos bens produzidos pela indústria, que passaram a ser fator catalizador do aumento pelo consumismo – uma abertura para a igualdade jurídica pregada pela Revolução Francesa e, até então só vivida como abstração, é conquistada de fato não só no plano econômico, com em dimensão total. (KUJAWSKI,1991, p. 8).

A febre consumista se alargou em escalas que ultrapassaram a barreira do campo para as cidades. Cresceram as áreas ocupadas, o *lócus* urbano saiu do caráter essencialmente rural e entrou numa fase motomórfica, em que a liberação da inocência rural foi transformada à medida que aumentou-se a busca desenfreada

por mais acumulação de capital e bens, assim, o meio urbano foi levado, segundo Kajawski (1991), estrepitosamente, arrogantemente, a condição de metrópole. Observa-se a condição de deformação das ruas, pois deixaram de ser via de passagem, transporte e sobrevivência, contraindo aspectos vivos e personalidades próprias, ao invés de local de passagem, de trocas de estórias, ufanias por estar no centro do status social.

A rua deixa de ser via de passagem, adquirindo vida e personalidades próprias, como lugar de passeio, de comunicação, de ostentação exibição de status, entre vitrines deslustrantes e grande profusão de cafés e confeitarias. (KUJASWKI, 1991, p. 8)

A passagem renomeia o *cosmos urbanis* numa metáfora ou síncope em que há uma nova tipologia de vida, de uma exibição acentuada a caracterizar-se exibicionismo. As desigualdades sócias são focadas de tal maneira que, o ridículo do aparecimento, da ostentação social, chega a ser cada vez mais impertinente.

O avanço científico e tecnológico somado a teorias como o Determinismo, o Positivismo e o Evolucionismo influenciaram fortemente os intelectuais da época que passaram a apostar na vertente cientificista. De acordo com Cadermatori: “O que caracteriza o período é a vitória da concepção de mundo própria das ciências naturais e do pensamento racionalista e tecnológico sobre o idealismo e a tradição romântica (1986, p. 46).”

Em decorrência disto essa nova estética opôs-se tanto ao Romantismo que todas as suas características foram opostas a ele. O sentimento deu lugar à realidade, o desequilíbrio ao equilíbrio, a liberdade ao formalismo, a imaginação à observação, o subjetivismo ao objetivismo, o sonho à realidade, o idealismo ao realismo, o exagero à proporcionalidade, o espiritualismo ao materialismo, e o passado nacional deu lugar ao presente local.

### **1.3.2 Simbolismo: linguagem dúbia e confusa**

Anos mais tarde, ainda dentro do período realista, as características românticas voltaram à cena, protagonizadas pelo movimento Simbolista. Intimista, esse movimento recebeu o nome de Simbolista devido à importância dada à

construção de uma nova linguagem, capaz de realmente expressar o mundo interior, os sentimentos. O que o diferenciava, porém, do Romantismo era que os simbolistas se fixavam mais na sugestão de um estado d'alma e procuravam descrever este estado, enquanto que os românticos apresentavam um derramamento sentimental exagerado. Neste período, três foram as características mais marcantes: linguagem dúbia e confusa; a musicalidade do verso e o afastamento da realidade pela fantasia, pois o inconsciente dominava a lógica.

- Não sei. Talvez seja uma forma de “amar a solidão”, como disse Rilke em uma das suas cartas. A cidade é o meu elo com as pessoas. Uma forma de não me perder. Talvez tenha a ver com a idéia da solidão como caminho para a comunhão. A única forma de amar alguma coisa é saber-se separado dela. É impossível amar verdadeiramente se nos sentimos apenas como uma ovelha do rebanho. (2007, p. 30-31).

Nesse trecho fica evidenciada a linguagem dúbia e confusa. A explicação dada pelo personagem acerca de seus sentimentos não seguem um raciocínio lógico. É um discurso estranho e de difícil interpretação para o leitor, pois requer uma grande dose de abstração e fantasia. Essa mesma fantasia é utilizada pelo personagem para tentar entender e explicar os sentimentos de Baudelaire:

Com uma boa dose de imaginação, imaginou-se vendo e sentindo os sentimentos do poeta maldito; as infinitas sensações que lhe tocaram o espírito; o que pensava realmente do mundo, a partir da sua suja Paris. A sua dor.

*Sê sábia, ó minha Dor, e queda-te mais quieta.  
Reclamavas a Tarde; eis que ela vem descendo:  
Sobre a cidade um véu de sombras se projeta,  
A alguns trazendo a angústia, a paz a outros trazendo.*

“Dá-me, ó Dor, tua mão”, pensa Alberto, em *Recolhimento*, sob a sombra de uma amendoeira, em Itapuã, olhando o movimento da tarde, vendo aproximar-se “a doce Noite que caminha”. Sabia que, diante dos mortos, nenhuma palavra devia ser dita. Não havia por que julgar os que, bem ou mal, passaram por esse “mar de lágrimas” (não pôde evitar a expressão) tocado por sabe-se lá que fatalidades. (2007, p. 37).

A musicalidade do verso aparece em *Lunaris*, nesse trecho, através da citação de uma pequena parte do poema *As flores malditas* de Baudelaire, considerado precursor do Simbolismo. Ainda é possível identificar o sentimentalismo simbolista, que mais visa retratar o estado d'alma, sem excessos e exageros. Através da fantasia, Alberto pauta-se no trecho *Recolhimento*, em *As flores malditas* para

colocar-se no lugar do poeta maldito, e, dessa forma sentir seus sentimentos e angústias.

Tantos pontos em comum não são mera coincidência. Segundo Geraldo Matos (198\*, p. 239), o poeta simbolista aproximou-se do ideário romântico em reação contra a técnica parnasiana de afastar-se do Romantismo.

Nesse ponto, é importante notar que as características românticas não desapareceram com a implantação do Realismo, pois os adeptos daquele movimento permaneceram vivos e fiéis àquela estética. O ressurgimento, anos mais tarde, de um movimento que abarcasse as características deixadas para trás provam isto.

Em pleno período marcado pelo Realismo, Naturalismo e Parnasianismo, surge uma nova estética com características passadas. Dessa forma, o Simbolismo influenciou fortemente muitos escritores naturalistas e parnasianos gerando assim uma nova estética, conhecida como Impressionismo.

### **1.3.3 Impressionismo: forma particular de expor a realidade**

Os escritores impressionistas procuravam manifestar as impressões que a realidade lhes causava, surgindo assim uma realidade conflitante e ambígua. A realidade é objetiva, mas é vista pelo escritor com olhos subjetivos, conforme pode-se constatar no seguinte trecho da obra ribeiriana:

O herói estava morto. Morrerá em algum lugar do trajeto da sua própria vida, mas não podia dizer exatamente onde. Alberto, que já alimentara e acreditara em tantas utopias, vivia agora para preservar a sua integridade moral como uma construção particular – como uma casa que constrói em cima de uma árvore, no quintal, a qual vistoria diariamente para ver se permanece limpa e sólida, como um refúgio à estupidez do mundo. Um lugar pequeno, entretanto, para caber muitas pessoas; um lugar seletivo, no qual podia colocar sua família e um ou dois amigos, mas cujas portas jamais poderia escancarar para o mundo. (2007, p.16).

Nota-se que escritor busca transmitir ao leitor a forma particular como ele percebe a realidade. É uma forma subjetiva, pois, para tanto, utiliza-se de metáforas e parábolas, uma vez que a simples explicação parece não transmitir com fidelidade aquilo que deseja.



Dessa estética, a principal característica é o retorno do nacionalismo (outra característica romântica), da brasilidade, da busca em retratar os aspectos regionais brasileiros nos contos e nos romances. Por esse motivo o Impressionismo é considerado precursor do Pré-Modernismo.

#### **1.4 Pre-Modernismo: Conflito de Tendências**

No final do século XIX e início do século XX o mundo passou por profundas mudanças como o desenvolvimento científico e tecnológico, novas invenções, guerra mundial, revolução comunista, etc. Em decorrência destes fatores o homem mudou a forma de ver e sentir o mundo, forma essa que se manifestou na arte moderna.

No cenário brasileiro, fatos como a abolição da escravatura, proclamação da república e crescimento industrial indicavam o início da modernização da vida política, social e cultural do país. Na virada do século o país ainda tentava estabilizar o regime republicano e a economia era alavancada pela grande produção de café e leite, principalmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais. Os negros dividiam o trabalho disponível na indústria e nas lavouras de café com os imigrantes provenientes principalmente da Itália. Estes, difundiram idéias socialistas e anarquistas, o que gerou o surgimento de greves, sindicatos e lutas pelos direitos trabalhistas, tendo por consequência crises políticas. Tantas mudanças refletiram diretamente no setor artístico e cultural do país.

Nesse contexto, vive-se no Brasil o Pré-Modernismo, momento literário unicamente brasileiro que compreendeu entre a publicação do romance *Os Sertões*, de Euclídes da Cunha, em 1902, e a realização da Semana da Arte Moderna, em São Paulo, no ano de 1922; pode-se se dizer que foi um período de transição no qual coexistiram tendências renovadoras e conservadoras.

##### **Segundo Campedelli:**

De um lado, portanto, sobreviveu uma literatura que se utilizou de linguagem acadêmica, ornamental, que repetiu os padrões estéticos do Parnasianismo, despreocupada com questões sociais, atingindo, desta vez também, a prosa. O escritor Coelho Neto representou tipicamente essa tendência. De outro lado, emergiu uma literatura progressista, voltada para o presente, que negava o Brasil literário exaltado pelo Realismo e Parnasianismo, que se preocupava com aspectos socioculturais, da qual

Lima Barreto e Monteiro Lobato foram os mais ardentes representantes (1994, p. 10).

Os escritores desse período dividiam-se entre aqueles que pregavam a permanência e aqueles que pregavam a ruptura dos padrões pré-existentes. Nesse cenário surgiu uma literatura híbrida, com características do Parnasianismo, do Simbolismo e do Romantismo. Tudo era conflitante.

A poesia desse período procurava ressaltar o sentimento da terra e do homem sertanejo, dentre outras temáticas.

## **1.5 Modernismo: Viva o Novo, a Ordem é Romper Com o Passado**

### **1.5.1 Hora de chocar e recriar**

Em 1922, com a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, marcou simbolicamente o início do Modernismo no Brasil. Como o país passava por um crescimento acelerado das cidades e da modernização da indústria, a busca pelo novo e rompimento com o passado tomou conta da população. Os artistas e escritores da época, como Lasar Segall, Anita Malfatti e Oswald de Andrade, influenciados pelas correntes das vanguardas européias como Futurismo, Cubismo, Expressionismo, Dadaísmo e Surrealismo, pretendiam protestar contra o atraso cultural do país e realizaram a Semana de Arte Moderna, que tinha como principal ordem escandalizar, provocar, chocar aqueles que ainda defendiam as tendências do passado.

Na obra de Carlos Ribeiro, objeto de estudo deste trabalho, pode-se notar que há trechos em que os personagens, com uma linguagem nua, informal, chegam a chocar o leitor ao criticarem de forma tão contundente personalidades ilustres da literatura como Rimbaud e Fitzgerald:

- Quer continuar? Então o que podemos dizer do seu sucessor imediato, o *príncipe* da Modernidade, Rimbaud? Um jovem impulsivo, heim?, que morreria, com câncer generalizado, aos 37 anos, depois das aventuras malucas em que se meteu, na Abissínia, sem ter escrito uma linha sobre elas! E as pessoas falam que ele foi traficar armas na África como se isto fosse de fato um grande negócio. Bem... (sorriu, com ironia), poderia até ter sido... mas deu no que deu.

- Ora, Márcio, mas como é possível ter uma obra transgressora sem ter uma vida transgressora? A vida de Rimbaud, após ele ter deixado de escrever, aos vinte anos, foi uma radicalização da sua visão transgressora, levada às últimas consequências. Seu silêncio foi a continuação radical da sua obra!

- Ora, ora, meu caro Albertinho. Vamos convir. Você acredita mesmo nessa conversa fiada? Na verdade, na verdade, eram todos uns grandes ficcionistas, mesmo quando não escreviam uma linha. Criaram uns personagens bem marotos deles mesmos para esses babacas que passam o resto da vida reproduzindo imposturas nos (torceu a boca) cadernos de cultura dos jornais.

- Uhm...

- Mas vejamos agora os representantes da famosa Geração Perdida, nos Estados Unidos. Fitzgerald, um jovem talentosíssimo, tornou-se, segundo escreveu o seu companheiro de geração, em *Paris é uma festa*, um desvairado muito inconveniente devido às farras homéricas que fazia. O próprio Hemingway não estava muito longe disso. Sua imagem de vencedor nada mais era que uma fraude. Morreu de forma trágica: dando um tiro na boca. Dizem que ele era depressivo..., até acredito. (2007, p. 32-33).

De forma extremamente crítica e irônica, Carlos Ribeiro, através de Márcio, seu personagem, utiliza-se de uma linguagem simples, bastante popular para chocar o leitor ao questionar o modo de vida em que estes viviam.

Nesse ponto, vale notar que mesmo buscando o novo, o nacionalismo do período romântico, reaparece no modernismo, porém, não é mais aquele nacionalismo ufanista, mas sim um nacionalismo renovador, que busca analisar criticamente os problemas brasileiros, visando superar as carências sociais, políticas e culturais do país.

Muitos modernistas recorreram às obras do passado buscando fazer releituras críticas a respeito delas, chegando mesmo a parodiar obras românticas, com é o caso da *Canção do Exílio* de Gonçalves dias, parodiada por escritores modernistas como Oswald de Andrade, em *Canto do regresso à pátria*; Mário Quintana, em *Canção*; Carlos Drummond, em *Nova Canção do Exílio*; e Murilo Mendes, em *Canção do Exílio*.

Em *Canção do Exílio*, Gonçalves Dias, poeta e teatrólogo brasileiro do período romântico, traz uma temática comum à primeira fase do Romantismo, uma mescla de nostalgia e saudosismo, pois o autor se encontrava longe de sua pátria, o que lhe trazia imenso pesar.

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
 Nossas várzeas têm mais flores,  
 Nossos bosques têm mais vida,  
 Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
 Mais prazer encontro eu lá;  
 Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
 Que tais não encontro eu cá;  
 Em cismar - sozinho, à noite -  
 Mais prazer encontro eu lá;  
 Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
 Sem que eu volte para lá;  
 Sem que desfrute os primores  
 Que não encontro por cá;  
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.

Nota-se neste poema que o eu-lírico, sem citar nomes, compara a paisagem de Portugal com a do Brasil, e movido pela saudade, demonstra um sentimentalismo exagerado pela pátria, após cinco anos distante, ocasião em que fora cursar direito em Coimbra. A forma do texto também merece destaque pois o autor se esforça para manter o rigor da forma e da métrica, ainda presente nos poemas românticos da primeira fase.

Em *Canto de Regresso à Pátria*, escrito em 1925, Oswald de Andrade, precursor do antropofagismo, movimento que visava rejeitar o que era estrangeiro e incorporar elementos tipicamente brasileiros, mostra um nacionalismo crítico, típico da primeira fase modernista:

Minha terra tem palmares  
 Onde gorjeia o mar  
 Os passarinhos daqui  
 Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas  
 E quase que mais amores  
 Minha terra tem mais ouro  
 Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas  
 Eu quero tudo de lá  
 Não permita Deus que eu morra  
 Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte pra São Paulo  
Sem que veja a Rua 15  
E o progresso de São Paulo

Nota-se, nesse poema, que Oswald de Andrade, utiliza-se do humor e da ironia, para satirizar o nacionalismo exagerado de Gonçalves Dias ao valorizar a natureza brasileira. Critica o passado brasileiro, o período escravista, ao fazer referência a Palmares, onde os escravos também eram exilados de suas terras. Refere-se ao progresso urbano e industrial de São Paulo, criticando, talvez no sentido de que o progresso agride os recursos naturais exaltados por Gonçalves Dias.

É nesse sentido que Mário Quintana, autor modernista, critica a sociedade do período em seu poema *Uma Canção*, uma releitura de *Canção do Exílio*:

Minha terra não tem palmeiras...  
E em vez de um mero sabiá,  
Cantam aves invisíveis  
Nas palmeiras que não há.  
Minha terra tem relógios,  
Cada qual com sua hora  
Nos mais diversos instantes...  
Mas onde o instante de agora?  
Mas onde a palavra "onde"?  
Terra ingrata, ingrato filho,  
Sob os céus da minha terra  
Eu canto a Canção do Exílio!

Nesse poema o autor critica as consequências do progresso tecnológico e industrial, como a devastação da natureza, a correria do mundo moderno, as superficialidades das relações, o capitalismo. O texto é construído com foco na vertente existencialista, pois o autor se pergunta “*mas onde o instante é agora? Mas onde a palavra “onde”?*”. É como se o eu-lírico não se encontrasse em um exílio físico, mas de essência. A confusão demonstra insatisfação, inadequação com a realidade. É uma forma de evasão.

A evasão que surge no começo do modernismo assemelha-se bastante com o Romantismo. Sendo que no Romantismo debatia-se a dicotomia subjacente onde se opunha o campo à cidade. Esta oposição trazida do Romantismo, o mundo rural surge como reminiscência de um universo ideal a idade de ouro, que se pretendia fazer renascer: é a saudade das origens longínquas, dos tempos idos em que o

homem vivera em perfeita sintonia ou comunhão com a natureza, e a idealização de uma alternativa utópica à fugacidade da cidade.

A super valorização do espaço urbano, o engrandecimento, a saturação de novos bens de consumo em contínua abundância, num ritmo acelerado e eloqüente, faz com que o fator tempo entre em um processo catalítico super acelerado, e gere-se uma seqüência em cadeia de eventos inesperados. A vida torna-se célere e a cada dia um convite à aventura. O fato de que a busca por um processo identitário, moldados em aspectos direcionados à um tipo de comportamento, em que os heróis típicos da época, são aqueles como comenta Kujawski (1991): “os homens de ação, os políticos, os empresários vitoriosos, os descobridores de continente ou pioneiros das navegações”. Nota-se a vanglorização das pessoas de altos graus sociais. A partir desta nota, é corrente ressaltar que o homem em desigualdade tanto social quanto política, fomenta o seu desejo interior, de ser representado a partir da representação imagética dos heróis que lhe são postos como referência.

Este é o momento em que os estudiosos como Eagleton (2005, p. 14-15) “reforça em sua tese de que eles não são meros produtos de seus ambientes, mas tampouco são esses ambientes pura argila para a automodelagem arbitrária daqueles, habitantes deste espaço.” Entende-se a partir da passagem, focado na análise do período, o homem como objeto participante da construção de arquétipos e como produto deste meio. Sugere em seu corpo textual o questionamento do comportamento social, ao passo que há uma força marcadora por linhas de pensamento desconstrutivistas, onde as oposições binárias do pensamento moderno ocidental relacionado por Stuart Hall em seu livro “Identidade Cultural” como centro x periferia, civilização x barbárie, colonizador x colonizado (que em qualquer circunstância poderiam ser substituídas por superior x inferior) perdem sua força e passam a ser estudadas através das relações entre esses pares, havendo assim um deslocamento de valores onde já não existem hierarquias.

Aqueles confrontos binários pontuados por Hall em seus estudos no em “A identidade Cultural do século XX” como a luta entre o superior e o inferior, estão inclusos numa pseudo ou se assim pode-se dizer, uma impertinente euforia que o poder deriva em seus “donos”, como se estivessem para todo o sempre dominadores de uma petulância característica dos representantes da *Belle Époque*. Tal petulância segundo (KUJAWSKI, 1991) derivava de uma sentimento de falsa segurança que assoalhava as nações dando-lhe a impressão ou sentimento de total

segurança contra qualquer tipo de inquietação, seja social ou política, ou seja, uma utopia que se revelasse em males prosseguindo até o homem médio do século corrente e que dará origem ao fenômeno estudado por Ortega como a “rebelião das massas”.

Ortega y Gasset identifica universalismo, principalmente em seu cientificismo, com o Racionalismo, opondo tal questão ao Relativismo. Para ele o tema desse tempo é superar o universalismo e o relativismo. Aqui está atrelada a ideia de constitucionalismo (universalismo) e democracia (relativismo). A obra *A Rebelião das Massas: perigo da tirania da maioria*. Ortega y Gasset *cria o conceito do homem massa, aquele que impede o crescimento de sua comunidade* (ORTEGA Y GASSET, apud KUJAWSKI, 1991, p. 11).

Ortega y Gasset busca no particular das conclusões generalizantes, a visão abrangente de mundo, pela visão racional, pautada em estados cientificistas, caracteriza claramente o rumo dos comportamentos tomados no final da *Belle Époque* constituído de um final brusco e violento, coroamento de um processo longo na história, carregando consigo a ansiedade de um mundo recheado de conturbações internas e externas que chamamos de modernidade. Aflição que assola o presente, cujo objeto desta angústia são aqueles que vivenciam a cada dia, o homem, prostrado a mercê de um processo formador cultural, que o leva a confusões e questionamentos, sem um determinado resultado, cuja respostas são tão complexas, uma vez que entra no que se chama de crise pessoal.

Os contornos do Modernismo e da Modernidade emergem vagarosamente nos limiares da história com suas circunscrições marcadas e grafadas em suas linhas traçadas em nosso presente como heranças deixadas pelos nossos ancestrais. Elas saem da Europa adormecida por alguns anos de processo relativamente relacionado ao bem estar, mas limitado e relativo, do estado de euforia burguesa. Este estado de mansidão deriva da “Bela época” Francesa cujo legado se apresenta ainda hoje. Este estado desapareceu, lançaram uma nova perspectiva de idéias onde o indivíduo vai defender-se vigorosamente do atraso intelectual, procurando o terreno onde sua defesa será possível através das artes, do imaginário do relativo.

Contudo, esta defesa pessoal transfigura-se em novas técnicas, as quais serão desenvolvidas em sua alta defesa, aquelas serão representadas ou imaginadas, mas ainda não compreendidas. Ao passo que o individualismo atenua-

se ao seu próprio término, o coletivo, o absoluto impõe-se sem preleção democrática. Daí o interesse no que fora escondido, durante a Belle Èpoque, o cerne do conhecimento humano.

A busca pelo conhecimento seja de ordem intelectual, ou mesmo o conhecimento pessoal, acarreta lutas densas, duras, à medida que o moderno se aproxima, trazendo consigo as heranças da Belle Èpoque, uma total pseudo tranqüilidade, onde o modismo é frívolo e passageiro. O interesse por algo concreto é forte, todavia a luta interna é maior, a luta pelo que pareça melhor para a prática social. Daí a evasão da realidade como forma de se adequar aos arquétipos postos em voga pela sociedade.

### **1.5.2 As fases do Modernismo: diferentes faces de um mesmo movimento**

Dividido em três fases, o Modernismo, embora mantivesse as mesmas características, passou a ter diferentes maneiras de ver a realidade e expressar seus ideais, algumas delas, bem próximas as do período romântico.

Na primeira fase, que compreende o período entre 1922 e 1930, as principais características eram: a negação do passado; convivência da linguagem formal com a nova linguagem mais próxima daquela usada pelo povo e que deveria ser trabalhada de forma reflexiva; preocupação em imitar os modelos europeus; pragmatismo e psicologismo: características anárquicas como sentido anárquico, individualidade, independência, influência, teoria psicanalítica, motivações subconscientes; poemas-piada e irreverência; ironia, sarcasmo e sátiras; espontaneidade no discurso; paródia e literatura popular; versos livres; aproximação da fala popular e nacionalismo.

A segunda fase modernista foi ambientada em um contexto histórico conturbado tanto nacional como internacionalmente. No contexto mundial houve o período da Guerra Fria e posteriormente a Segunda Guerra Mundial, fatos que modificaram profundamente os âmbitos políticos, culturais e sociais dos países europeus.

Na segunda fase (1930 – 1945) mantiveram-se as características da primeira, porém, novas formas de expressão surgiram na poesia e no romance. Na poesia,



surgiram poesias voltadas ao fazer poético, também chamadas de metapoesia, bem como poesias comprometidas socialmente: a literatura voltou-se para um mundo transformado e desconcertante que precisava ser compreendido; superação dos aspectos caricaturais; poesias intimistas, voltadas para a espiritualidade ou para a reflexão amorosa. O romance tentava abarcar as questões culturais e identitárias.

O romance a partir daquele momento superou as especulações dos críticos literários, saiu de uma posição estática e entrou em uma metamorfose literária. Uma mutabilidade fictícia, capaz, em muitos momentos, de levar o seu leitor a cogitar que em um breve momento decorrido ao ler as páginas de um determinado romance ultrapasse a fronteira literária e chegue a crer que se encontra em um no mundo, confundindo-se por um instante com a realidade. Poderemos perceber tal transitoriedade na seguinte citação retirada do romance *Lunaris*.

Só mais tarde descobriria que era, de fato, um *lugar*. Um estranho mundo mutável que, com o tempo, adquirira o status de realidade – estranha, mas nem por isso menos real. Nele, Alberto dava-se ao prazer às vezes perverso (se tal palavra fizesse sentido naquele lugar), de refazer pessoas, de reconstruir acontecimentos, de eliminar todos aqueles que o aborreciam. Nunca, é verdade, de modo violento ou cruel. (2007, p. 17).

Nota-se na citação o passar do tempo como o autor elabora sua narrativa. Ele narra sua obra em terceira pessoa, permitindo que os acontecimentos decorridos no texto literário possam adquirir com o tempo características de realidade, ou seja, as palavras saiam do papel para ganharem vida no imaginário. Mesmo que em certos momentos, tais passagens sejam incoerentes, ilógicas. Existe a partir de agora uma liberalidade aos prazeres, ao imaginário, apto a eliminar todos os acontecimentos que aborreciam o personagem, mas hábil de fazê-lo sentir e sentir-se.

No romance, porém, surge um novo realismo, embasado pela realidade dura, trazida pela ditadura. Os romances da época tinham como características: expressar a agonia vivida no período; literatura regionalista; realismo crítico ao denunciar os problemas sociais; literatura urbana e intimista; abordagem da situação dos proletários rurais, revelando a miséria e a submissão a que eram submetidos; reprodução da linguagem da região. Nesse contexto surgem os romances regionais. Os principais são: romances urbanos: que retratam a realidade das cidades; romances da seca nordestina; romances do ciclo da cana e do cangaço; romances baianos – com os temas: mística da Bahia, miscigenação e religiões afrobrasileiras;

romances do sul – com os temas: colonização, passado histórico, guerras entre fronteiras.

Atualmente, o romance realista urbano adquiriu uma nova roupagem literária, devido às mudanças tecnológicas, culturais e comportamentais que o ser humano assumiu no decorrer dos anos. Devido a tais mudanças o romance urbano agora, não menos realista, visa revelar, dentre outros aspectos a superficialidade das relações humanas, devido a geração digital, das salas de bate-papo, das impessoalidades. Já não mais se consegue conectar pessoalmente, fisicamente uns com os outros. Ribeiro fala sobre essa situação:

Havia, naquelas palavras, segundo acreditava Alberto, um antídoto para a superficialização das relações, que lhe parecia ser a tônica da sua geração. Uma geração que, talvez pela primeira vez, no Brasil, era majoritariamente urbana, e que talvez por isso mesmo, lhe parecia castrada, disforme. De repente, o mundo real, marcado pela experiência direta com a terra, que oferece resistência, escapa ao homem, deixando, em seu lugar, um estranho vácuo no qual nada de sólido parece subsistir. O homem da era virtual já não consegue arrancar segredos à natureza; no oceano da escuridão, apesar de todas as informações que circulavam pela mídia e pela Internet, o homem parecia se comunicar cada vez menos. (2007, p.45-46).

Nesta era secular, o homem virtual já não mais consegue se relacionar fisicamente. Passa a idealizar, cria pseudônimos virtuais para que assim possa escapar da realidade que o cerca e planar para um mundo ideal, mas não real. A fuga gera conseqüências marcadas pela carência, ausência de relações. Este homem, vaga no meio de um universo de informações, a qual já não consegue arrancar segredos, descobertas. Tudo é superficial. Artificial. Aquele homem, acaba se comunicando cada vez menos. Ele inicia um processo contrário ao que é descrito no mito da Caverna de Platão.

Nesse mito, Platão descreve uma situação de um grupo de pessoas nascidas e criadas no interior de uma caverna, na qual elas ficavam constantemente acorrentadas de costas para a única fresta por onde se pudesse ver o mundo exterior. Quando alguém passava do lado de fora, as pessoas no interior da caverna viam apenas suas sombras e atribuíam suas falas às sombras. Elas acreditavam que aquelas criaturas que elas viam eram reais. Platão supôs que, dessas pessoas, um homem conseguisse se libertar das correntes e sair da caverna para o mundo exterior. Dessa forma esse homem constataria que havia um mundo amplo, claro e maravilhoso do lado de fora, sendo este mundo real e que as criaturas que ele e os

outros julgavam reais não passavam de meras sombras de seres humanos como eles. Contudo, Platão alerta que, caso este homem resolvesse voltar para a caverna e contar aos outros das suas descobertas, poderia, segundo Platão, correr sérios riscos, desde ser ignorado até mesmo, caso os outros se libertassem, ser agarrado e morto por eles, uma vez que o considerariam louco ou mentiroso.

No sentido contrário ao do mito, a literatura realista urbana atual, migra para descreve-la como o homem atual vai em direção à caverna. Ele se isola, acreditando que o real é o seu mundo particular. Aquele que existe apenas entre as paredes de seu quarto, ou através da tela de seu computador. Desta maneira, há a possibilidade de comportamentos como o citado no mito da caverna, o de não aceitação ou rejeição, porque tudo que ele possui para ele é real, caso haja confronto a suas ideias se sentirá magoado, ocasionando assim maior distanciamento das relações, as quais já estava distante.

A terceira fase modernista apresenta-se dividida em três períodos distintos. O primeiro período da terceira fase modernista (1945 – 1956) é marcado pela volta ao passado presente no rigor da forma, na qual a linguagem dos poemas busca retomar os padrões do parnasianismo, porém, de uma forma tão obsessiva que ultrapassa os padrões parnasianos. Por esse motivo chegou a ser chamado de neoparnasianismo e antimodernista. Além da volta ao rigor do verso, outras características marcaram a produção literária de 45, como o abandono do poema-piada e o retorno ao cultivo do lirismo poético.

No segundo período da terceira fase modernista (1956 – 1970), a poesia renova-se e sua forma se aproxima das artes visuais, influenciadas pelo construtivismo. É a chamada poesia-construtivista.

O terceiro período da terceira fase modernista (1945 – 1980) é conhecido por sua ficção na qual a narrativa revela o fluxo da consciência dos personagens. Nessas obras a narrativa é feita predominantemente na terceira pessoa, além de demonstrarem grande aproximação entre a prosa e a poesia.

### 1.5.3 Marcas da Violência – A Ditadura Militar

Nesse ponto vale destacar a importância do contexto histórico compreendido entre o final da década de 50 e início dos anos 80 para a produção literária brasileira. Período este em que o país sofrera profundas mudanças em todos os seguimentos da sociedade.

No final da década de 50, o Brasil passava por um crescimento acelerado nos setores: político, educacional, industrial e econômico, devido à série de medidas desenvolvidas pela política do então presidente Juscelino Kubitschek que prometia fazer o país crescer cinquenta anos em cinco, tendo como resultado o aumento de empregos, o aumento do poder aquisitivo dos brasileiros, a estabilidade política e econômica do país, a construção de Brasília e a ampliação do ensino superior.

No campo editorial, a indústria teve um crescimento de produção muito grande devido à isenção de taxas sobre o livro e a criação de subsídios para a indústria de papel nacional, o que levou a indústria editorial a, anos mais tarde, produzir mais de 60 milhões de livros. Esse avanço visava à democratização do conhecimento, uma vez em que os livros se encontravam mais acessíveis as camadas menos favorecidas.

Devido aos incentivos fiscais cresceu o número importações e de empresas multinacionais instaladas no Brasil, principalmente provenientes dos Estados Unidos. Cada vez mais os brasileiros se apropriavam e se identificavam com os hábitos americanos, o que causou o descontentamento de muitos setores da sociedade.

Em 1960, Janio Quadros foi eleito presidente do Brasil, mas, renunciou do cargo sete meses depois. Sua renúncia começou a gerar uma crise no quadro político nacional. Em agosto de 1960, o vice-presidente, João Goulart, assume a presidência. Seu governo, preocupado com questões sociais, fez com que os Estados Unidos e segmentos conservadores da sociedade brasileira, como banqueiros, militares, empresários, Igreja Católica e classe média, temessem que o país, movido por idéias socialistas, se tornasse comunista. Essa situação foi aumentando gradativamente a crise política nacional, até que em 31 de março de 1964, os militares, temendo um golpe comunista, invadem as ruas de São Paulo e Minas Gerais, o presidente refugia-se no Uruguai e os militares tomam o poder. Começa a partir daí um dos períodos mais sombrios da história brasileira.

Em 15 de abril de 1964, o General Castelo Branco foi eleito presidente do Brasil pelo Congresso Nacional, prometeu defender a democracia, mas tomou uma série de medidas que feriam os direitos constitucionais do povo, dentre elas, o estabelecimento de eleições indiretas para presidente, instalou o bipartidarismo (um de oposição controlada e outro militar), e impôs, em 1967, uma nova constituição que institucionalizava o regime militar e as formas de atuação.

Seu sucessor, o general Arthur Costa e Silva enfrenta um governo marcado por manifestações populares, contrárias ao regime militar como a Passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro, realizada pela União Nacional dos Estudantes – UNE; greves de operários de fábricas de São Paulo e Minas Gerais; guerrilhas urbanas sequestram embaixadores e assaltam bancos no âmbito de conseguirem verba para uma oposição armada ao governo.

Em reação a isso, o governo decreta, em 13 de dezembro de 1968, o Ato Institucional Número 5 – o AI-5, o pior de todo o regime militar. Através deste decreto a repressão militar foi intensificada, juízes foram aposentados, parlamentares foram afastados, o direito ao *habeas-corpos* foi eliminado. Nesse período a censura à música, livros, revistas e a toda a imprensa foi terrivelmente agravada e intelectuais, cantores, artistas, escritores, foram perseguidos, presos e exilados; pessoas foram mortas ou desaparecem sem deixarem pistas. Os confrontos armados entre jovens estudantes revolucionários e a polícia eram frequentes. Até mesmo no campo as guerrilhas rurais ganham força, como foi o caso da Guerrilha do Paraguai. A situação era de insatisfação e revolta em todo o país, até que em 1978, o então presidente, general Ernesto Geisel, põe fim ao AI-5. A partir daí o processo de redemocratização é lento. Muitos militares conservadores insatisfeitos com o rumo da situação coordenaram clandestinamente diversos ataques a órgãos sociais importantes, como a imprensa e a OAB – Ordem dos advogados do Brasil.

A partir daí, o multipartidarismo foi restaurado, novos partidos foram criados, sindicatos ganharam força, e a oposição se fortalece. Em 1984, milhões de pessoas de diferentes camadas sociais, como assalariados, artistas, escritores, políticos de oposição participaram das *Diretas Já*, movimento que visava garantir o direito das eleições diretas para presidente, porém, os deputados não aprovaram a lei.

O fim do regime militar aconteceu no ano seguinte. Em janeiro de 1985, Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil pelo Colégio Eleitoral, mas, ficou

doente e morreu antes de assumir. O vice-presidente, José Sarney assumiu a presidência da República e, em 1988, uma nova constituição foi aprovada no Brasil, restabelecendo a democracia no país.

Nesse contexto histórico tão conturbado que foi o período ditatorial, o campo literário sofrera fortes abalos, principalmente devido à censura prévia, através da qual as obras literárias, consideradas contrárias aos interesses do governo, eram proibidas de serem publicadas e seus escritores corriam o risco de serem perseguidos, exilados ou presos.

Diante desse impasse, autores e escritores criaram técnicas para driblar a censura. Os escritores se sentiam revoltados e queriam denunciar os abusos que a sociedade sofria em suas obras. Surge assim, o romance reportagem. A literatura ganhava ares de imprensa, e tons políticos, pois visava alertar os leitores, publicando aquilo que era proibido nos jornais. A ficção brasileira galgou novos rumos. Criou-se, nesse ponto uma literatura ficcional mais realista voltada às massas populares, no intento de conscientizá-las.

As obras produzidas nesse período, como *As meninas* (1971), de Lygia Fagundes Telles, *Feliz Ano Novo* (1975), de Rubem Fonseca, *Incidente em Antares* (1971), de Érico Veríssimo e *Sargento Getúlio* (1971), de João Ubaldo Ribeiro são bons exemplos da produção literária brasileira durante a Ditadura Militar. Através delas se pode ter uma boa idéia do cenário nacional, pois, cada uma, a sua maneira, revela, denuncia, contesta e convida a reagir, com o amparo da literatura, contra a degradante situação do país.

Em determinado trecho da obra, Alberto faz referência ao livro de Élio Gaspari, intitulado *A ditadura escancarada* e relembra pensa nos momentos da ditadura militar:

Alberto pensava nessas palavras, enquanto lia *A ditadura escancarada*, de Élio Gaspari. Não podia deixar de ter um sentimento ambíguo, de admiração e pena, por todos aqueles jovens que foram exterminados, nos anos 60/70, pela ditadura militar. A ideologia, fosse ela qual fosse, parecia-lhe ali uma armadilha cujas consequências eram quase sempre funestas. De certa forma, os veteranos das organizações esquerdistas, que recrutavam jovens para suas aventuras armadas de tomada de poder, pareciam-lhe também responsáveis por suas mortes. Bastava lembrar do tal Arroyo batendo em retirada, fugindo para São Paulo, no ápice da ação de extermínio dos guerrilheiros do Araguaia pelos militares, “deixando para trás pelo menos trinta guerrilheiros transformados em fugitivos”. Deixando para trás jovens de vinte e poucos anos, levados a uma aventura política que nada mais era que uma caminhada para a morte. (2007, p. 39).

Na obra *Lunaris*, o narrador, através do personagem ribeiriano, em determinadas partes da obra, demonstra o mesmo sentimento de descrença e revolta para com a situação da sociedade vigente e crê que a única saída é a resistência, a luta:

Para todos os lados que olhava, a vida era, para Alberto, uma grande armadilha. A única atitude que lhe parecera, por algum tempo, mais justa e honesta era a da resistência pacífica de um Gandhi. Mas quem está, hoje em dia, disposto a ir de peito aberto para o matadouro? De certa forma, ela só parecia ser possível em duas circunstâncias: a de uma lucidez e desprendimento absolutos, ou como um grande exemplo de fanatismo. De todo modo, agradava-lhe bastante a figura pacifista de um Henry David Thoreau, mas também ele tinha suas incongruências. E os resultados práticos eram sempre lentos, muito lentos.

Mas sabia que, em algum nível, é preciso resistir; que é preciso acreditar; e que é preciso lutar. (2007, p. 40).

Alberto sabe, que a luta pacífica é melhor opção, porém, tem consciência de que esse tipo de atitude é pouco produtiva. Sabe que os obstáculos a serem enfrentados são grandes, pois a sociedade tende a resistir e refutar o que é novo. Apesar de consciente da situação e dos riscos a serem enfrentados ao buscar o novo, Alberto, à moda dos modernistas, sente que acreditar, resistir e lutar é inevitável, é uma necessidade.

## **1.6 Pós-Modernidade: Período Contemporâneo**

A Pós-modernidade, também chamada contemporaneidade, é o período mais conturbado em relação às características que o definem por haver grande diversidade de influências de inúmeros fatores, históricos, sociais e tecnológicos. Este novo período marcado pelo descontínuo invade poderosamente o conhecimento, as atividades sociais e a própria consciência. O período anterior, explicava, já trazia as respostas, deixando a todos o conceito de continuidade, uma continuidade no sentimento de tranqüilidade. O homem do período contemporâneo plaina na busca por este ar de sobriedade. Todavia, o moderno demonstra-se frívolo, capaz de passar tão rápido que não satisfaz o anseio do dualismo moderno. O novo dualismo intrigante, encontrado entre algo abstrato e o algo concreto. Viver

em centros urbanos tendo a possibilidade de gozar das futilidades permitidas, mas ao mesmo tempo buscar algo maior, cujo anseio ultrapassa as barreiras da vida urbana. Esta consternação é a mesma do século XIX, o da Belle Époque, a qual aparece com uma nova roupagem, mas que possui o mesmo núcleo, pois na era clássica do capitalismo competitivo, no apogeu da família e da emergência da burguesia como classe ascendente, haviam os sujeitos individuais. Porém nos dias atuais, nesta nova era de capitalismo, do homem das organizações, dos grupos econômicos, das burocracias da vida cotidiana, exatamente hoje, aquele sujeito burguês, individual não mais existe.

Neste momento, deve-se atentar na área literária, não somente para área histórica, para a questão do dilema estético, estrutura, de uns dos objetos fundamentais da literatura, como cita Fredric Jameson:

é que, se estão mortas e enterradas a experiências e a ideologia do eu singular, uma experiência e uma ideologia que instrumentaram a prática estilística do modernismo clássico, já não fica claro o que se supõe que estejam fazendo os artistas e escritores do período atual. O que fica claro é, simplesmente que os modelos mais antigos já não funcionam, uma vez que ninguém mais tem esse tipo de mundo e estilo particulares únicos para expressar... Os escritores e artistas já não podem mais inventar novos estilos e mundos – é que estes já foram inventados. (JAMESON, 1983, p. 30).

A necessidade humana de encontrar alguma coisa que complete não somente o lado material, mas sim, preencha o seu interior, suprimindo as futilidades do mundo moderno, como citou Jameson, cerne do estudo literário, contudo não se pode repetir tal estilo neste período secular, pois o moderno poder ser, não em toda a sua essência, mas deriva de uma imitação de certo momento na história.

Jameson em seu estudo *O pós- modernismo e a sociedade de consumo* traz uma visão negativa sobre o tema. Ele descreve que não há espaço para o mundo estilístico, porque o novo, voltado para as artes e o estético, estará sempre aprisionado ao passado, sentenciado ao fracasso, já que a arte contemporânea deverá dizer respeito da própria arte de uma nova maneira, contudo segundo Jameson, ela será fadada ao insucesso, porque estará imitando, ou remodelando as situações de Belle Époque.

Neste sentido, a literatura através dos tempos aparece para abrir diálogos com tais comportamentos. A literatura contemporânea analisará a vida em seus aspectos mais íntimos, pautada no “moderno” apresentado a sociedade, o que traz



consigo uma carga densa de incertezas e saudosismos, com uma cobertura polêmica.

Assim como no Romantismo, a literatura desse movimento se torna intimista, subjetiva, procurando expressar as vivências e experiências psicológicas, os sentimentos mais íntimos dos personagens. Segundo Campedelli (1994, p. 302), “trata-se de uma literatura de descobertas do valor intimista da confissão de momentos, de vivências e experiências psicológicas. O mundo interior vem à tona com todas as suas nuances, e o relato ganha tons psicanalíticos.” Esse tipo de escrita é pormenorizado, uma vez que tenta descrever os estados físicos e da alma dos personagens e isso por vezes resulta na perda da noção de todo, do romance.

## 2. O EXISTENCIALISMO EM LUNARIS

Na obra *Lunaris*, o autor Carlos Ribeiro apresenta o homem contemporâneo através do personagem Alberto. Pacato professor universitário de Literatura Brasileira, 43 anos, encontra-se angustiado com a realidade que o cerca. Sua amada Salvador mudara muito rápido com progresso do mundo moderno tornando-se estranha aos olhos do protagonista. Esse estranhamento desloca, incomoda, faz com que Alberto não reconheça mais sua terra natal e conseqüentemente a si mesmo:

Mesmo que estivesse em dia com sua consciência, não podia evitar a sensação desconfortável de que tudo ia mal com o mundo, *lá fora*. Usava esta expressão como uma forma de defesa. Algumas vezes, tomado por um estado de profunda melancolia, saía às ruas, geralmente no final da tarde, e via, com lucidez insuportável, uma tristeza oculta por trás dos risos e gestos, derramada no rosto das pessoas que circulavam nos ônibus, nos automóveis, nas calçadas; nos que ficavam parados nas esquinas, nas portas dos edifícios, nas janelas das casas, nas avenidas, parques e ruas de Salvador. E tudo era tão diferente dos tempos em que, ainda estudante, circulava pela cidade que sempre amara e que então lhe parecia, ao contrário, um mundo luminoso, repleto de promessas, de sonhos, de possibilidades que nunca se esgotavam. (Ribeiro, 2007, p. 14).

Dessa forma, Alberto, representação do homem contemporâneo do século XXI, encontra-se em crise diante do mundo novo que se apresenta diante dos seus olhos. Não consegue entender como a sociedade mudara tão rapidamente, como as outras pessoas conseguiram assimilar tão bem tais mudanças, como conseguiram aceitar uma nova vida tão automática, tão impessoal, tão corrida, tão sem perspectiva, sem sonho. Inconformado, cria um mundo alternativo através do qual retorna ao passado, numa época em que a vida lhe parecia mais simples, melhor.

Carlos Ribeiro recorre então à vertente existencialista. Com base nela ele retrata perfeitamente a crise do homem moderno diante de um mundo cada vez mais individualista e capitalista. Em outras palavras, é uma obra contemporânea que descreve, como que tardiamente, uma crise do período modernista.

De acordo com o pensamento de Kierkegaard, a existência do homem pode ser dividida em três fases: a estética, a ética e a religiosa. Na primeira fase o homem é dominado por seus sentidos e sentimentos. Acredita-se livre e age por impulso, uma vez que, segundo Penha, em sua discussão acerca da teoria Kierkegaardiana, “*inexistem razões lógicas que determinem como cada um deve se conduzir na vida*”

(PENHA, 1982, p. 16). Essa falta de regras preestabelecidas leva o homem a viver regido por um sistema de escolhas, uma vez que racionalmente não há nada que justifique uma ou outra atitude. Viver, porém, de forma tão imprudente não traz ao homem a satisfação por ele esperada e percebe que continuar a viver dessa maneira pode levá-lo a ter uma existência depravada, vazia, sem propósito ou conquista alguma de algo realmente significativo.

Para ilustrar essa fase estética do existencialismo na obra em estudo, vale lembrar que a personagem ribeiriana, quando jovem, teve uma vida regida por impulsos e, se assim se pode dizer, rebelde, desprovida de regras ou responsabilidades. Fase em que estivera sempre envolvido em movimentos sociais, ecológicos, políticos; vivia só em uma casa grande e sem móveis, de maneira desleixada; evitando sempre inserir pessoas na sua vida pessoal, evitando responsabilidades:

- Mas o que havia de errado na minha maneira de viver?

Bem, primeiro, essa falta de ambição. Você, meu velho, não tinha sequer uma cama! Achava normal dormir sobre um colchão velho no chão, e, como se fosse muita coisa, resolveu até, durante algum tempo, dormir num tatame duro que não se sabe quem deixou lá como recompensa pela sua hospedagem. Quantos anos você ficou sem ter um móvel dentro de casa, meu velho? (Ribeiro, 2007, p. 22).

Apesar de viver de forma tão descuidada, a personagem, embora solitário, sentia uma falsa sensação de felicidade. A falta de responsabilidades em sua vida pessoal alegrava-o, dava-lhe ânimo. Mas segundo PENHA, 1992: “no *íntimo*, *entretanto*, o homem sente que a permanente disponibilidade para agir segundo seus ditames pessoais não lhe traz satisfação.” A aparente felicidade de Alberto em viver de forma tão simplória se deve ao fato de o mesmo não desejar envolver-se com responsabilidades e obrigações que cotidiano impõe, mas de forma alguma se sentia plenamente realizado como pessoa.

Para quebrar o marasmo existencial de Alberto, de forma inesperada, o narrador insere Judite na vida do personagem desestruturando completamente sua realidade. Obriga-o a assumir responsabilidades, a adquirir o *status* de homem casado, e juntamente com a alcinha, vieram-lhe as obrigações, as cobranças sociais, o infortúnio de ter que inserir-se na sociedade, de definir-se perante si mesmo e os outros; de dar uma razão, um sentido a sua existência. O casamento com Judite obriga-o passar da fase existencialista estética para a fase ética.

Na segunda fase da existência do homem, a ética, o indivíduo passa a dar atenção às cobranças sociais. Nesse estágio ele tenta inserir-se na sociedade, cumprindo suas normas e convenções sociais. Pois anseia conseguir a satisfação existencial que não conseguira no estágio estético; acredita que agindo de maneira ética, após tomar consciência dos erros cometidos anteriormente, possa corrigi-los e, dessa forma se realizar como ser humano. Porém, Kierkegaard (apud PENHA, 1992, p. 19) alerta que essa mudança do estágio estético para o ético é muito árdua. Segundo ele há uma *“espantosa diferença! Sob o céu da estética tudo é leve, belo, fugidio; mas assim que a ética se mete no assunto, tudo se torna duro, anguloso e infinitamente fatigante.”*

Se na fase estética o indivíduo prima pela liberdade de seguir os próprios anseios, de fazer o que lhe dá prazer, independente da concepção de outrem; na fase ética o indivíduo continua livre, só que limitado pelos ditames sociais. Como nem sempre o que lhe dá prazer é permitido pela sociedade, que além de lhe dar direitos também lhe impõe deveres, o indivíduo acaba reprimindo-se, fatigando-se e, por não encontrar prazer na vida que leva, torna-se insatisfeito com a própria existência, com o próprio destino.

Vale notar que Alberto sente-se desconfortável com a vida que leva. Tenta inserir-se nesse mundo, forçar-se a seguir os padrões de convivência social, interagindo com as pessoas, fazendo coisas do dia-a-dia que todas as pessoas comuns fazem, mas, nada do que faz o completa, o satisfaz. Por isso alheia-se dessa realidade, refugiando-se em um mundo alternativo, criado por ele mesmo, *Lunaris*, o qual possa controlar ao seu bel prazer. Porém, não se sente completo nem mesmo neste mundo imaginário e, mesmo estando nele inserido, ainda se sente perdido. Alberto viaja a *Lunaris* tentando compreender a si mesmo, encontrar-se, mas é inútil.

Segundo PENHA, 1992:

... As experiências sensoriais, retidas na memória como forma de fixar o momento que passa, não lhe oferecem a recompensa almejada, ou seja, a revelação do sentido de sua existência. Frustrado em seu objetivo, torna-se melancólico e entediado. Refugia-se, então, em seu passado, que idealiza. Mas a fuga mostra-se inútil, pois através dela o homem se distancia cada vez mais da solução de seu problema. (p.18).

Na obra ribeiriana, ao invés de buscar refúgio no passado, como sugere Kierkegaard, a personagem refugia-se em um mundo imaginário, porém, a partir de

boas recordações e sentimentos do passado. Toda *Lunaris* retrata a Salvador da infância de Alberto, tempo em que uma definição sobre si mesmo não era cobrada, em que a vida lhe era muito mais simples e prazerosa do que a realidade presente.

Talvez a personagem atingisse a plenitude de sua existência se alcançasse a terceira e última fase existencialista, a fase religiosa, pois Kierkegaard vem dizer que:

Se as exigências da ética conscientizam o indivíduo de suas falhas, não conseguem, contudo, proporcionar-lhe a existência pela qual anseia. Esta ele só encontrará no estágio religioso, a fase culminante do desenvolvimento existencial. Mediante a religiosidade, o homem alcança uma relação particular com o absoluto. Deus torna-se a regra do indivíduo, a única fonte capaz de realizá-lo plenamente (Apud PENHA, 1992, p. 19.).

A personagem principal da obra de Ribeiro não atinge o estágio religioso, através do qual poderia, segundo a doutrina kierkegaardiana, realizar-se plenamente como ser humano. Nessa fase, a religião fala mais alto e domina a ética, a razão e a moral. É através da fé que o homem passa a guiar sua vida, a projetar o seu futuro. Sendo de sua inteira responsabilidade apenas escolher qual caminho tomar, não podendo se privar dessa responsabilidade. Mas como vive num período em que o ter supera o ser, o sentimento religioso dá lugar ao pensamento cético, descrente que o faz transmitir da fase moderna para a contemporânea, momento em que essa sensação se fortalece e se configura como característica humana a qual será descrita pela arte.

## 3 ASPECTOS DA NARRATIVA

### 3.1 Escrita Plural

Segundo Dalcastagné (2003) a literatura contemporânea discute perfis de narradores cheios de dúvidas ou abertamente mentirosos, criadores de personagens descamadas e sem rumo, comenta acerca de “autores” que penetram no texto para se justificar perante sua criatura. Seres complexos e pertencentes a dicotomias existências, compelidos entre a existência e a realidade.

Narradores, seres confusos que preenchem a literatura contemporânea habitando um espaço não menos conturbado. Este local capaz de limiar o criador a liberar partes do seu eu, deixando pistas de seu passado na sua escrita. Demonstra suas vivências carregadas de saudosismos, de uma época que deveras não haverá de existir no presente.

A partir da década de 70, os escritores voltaram-se mais para a escrita de contos. A partir de então, os contos passam a incorporar características de notícias de jornal, de propagandas, da televisão e das vanguardas poéticas, como o concretismo. Segundo Campedelli: *“A aproximação entre jornalismo e literatura fez emergir outro tipo de gênero literário: a crônica, texto ligeiro, de interpretação fácil, que fisga o leitor desacostumado à leitura”* (1994, p. 300). Esse novo gênero literário, nascido no Brasil, incorpora aspectos da notícia de jornal com a linguagem literária e a ficcionalidade do conto. Criado para ser publicado nos jornais, conquistou o gosto popular por ser curto, dinâmico, de linguagem simples e atentar para fatos corriqueiros, do cotidiano.

Essa mistura de características que os gêneros textuais passaram a utilizar a partir dos anos 70 e 80 passa a ser chamada de pluralidade estética. A partir de então os textos se tornaram híbridos e ficou cada vez mais difícil estabelecer as características que concernem a cada gênero textual. A respeito dessa pluralidade estética, Capadelli diz que:

Pode se dizer que estes gêneros se desdobraram, incorporando outras técnicas e linguagens dentro de suas fronteiras. São romances que se parecem com reportagens; contos que se parecem com poemas em prosa ou com crônicas; autobiografias que ganham ares de romance; narrativas que ganham jeito de cena teatral; textos que se fazem por justaposição de recortes, reflexões, documentos... Há uma legitimação da

pluralidade – todas as incorporações tornaram-se válidas, principalmente as que se originam de jornais, revistas, televisão, vanguardas poéticas (concretismo, por exemplo). (1994, p. 301).

Esse hibridismo textual permite que uma mesma obra apresente diferentes gêneros inseridos dentro dela, ou mesmo características comuns ao meio televisivo, como os recursos de imagem, a ficção e a escrita próxima à fala. Atualmente é praticamente impossível de se elencar as especificidades de cada gênero textual. É como se os escritores contemporâneos trouxessem para a linguagem verbal os recortes deste mundo plural, desenvolvendo assim a mistura de diferentes gêneros.

Além da questão estética ou estilística alguns autores trouxeram modificações também na forma de construção da própria narrativa, que se tornou mais pormenorizada, rica em detalhes, e intimista, preocupada em descrever o interior do personagem, apontando o grau de afetação que o personagem sofre no decorrer da obra, seu estado psíquico e emocional, que reflete diretamente na estruturação da narrativa. O resultado desse tipo de escrita é uma narrativa em que o enredo parece descontínuo, partido, desestruturado e, por vezes, confuso, devido aos recortes e *flash backs*, utilizados pelos autores no intuito de expressar as inconstâncias do pensamento humano.

Outro ponto também bastante marcante é o Realismo Ficcional que foi se fortalecendo com o passar dos anos, desnudando as mazelas sociais, retratando os acontecimentos sociais mais aterrorizantes, frutos das mentes humanas mais sórdidas, caracterizados pelo chamado ultra-realismo que se revela fortemente presente nas narrativas produzidas a partir da década de 90.

Esse realismo feroz, esse ultra-realismo gera uma narrativa realista demais, a ponto de agredir o leitor com sua linguagem fria e detalhista. Linguagem esta que não se priva de utilizar palavras e expressões de todos os tipos, desde o português padrão até mesmo gírias e baixo calão. Como modelo desse tipo de escrita tem os escritores Rubem Fonseca, Rubem Braga, Fernando Sabino e outros.

Surge ainda outro tipo de realismo: o Realismo Mágico, no qual o mundo mágico, irreal e absurdo faz parte da narrativa para expressar uma realidade triste e trágica. É um recurso utilizado para fugir da estranha e conflitante realidade em que se vive, uma vez que as rápidas mudanças sociais em decorrência dos avanços tecnológicos e crescimento desenfreado das grandes cidades, com seus problemas sociais agravados, tornaram a realidade difícil de ser assimilada, compreendida.

Nessas produções literárias, inúmeros temas são abordados pelos escritores que têm o espaço urbano e as contradições presentes na sociedade neoliberal como contexto para suas obras.

Por causa dessa pluralidade encontra-se, na atualidade, escritores adeptos dos mais variados estilos literários que perpassam pelas características de todas as escolas literárias do passado. É comum, por vezes, uma mesma narrativa apresentar traços de mais de uma escola literária.

### 3.2 Reflexos da Belle Époque na Escrita Contemporânea

É interessante relacionar o discurso tratado acerca do final da *belle époque*, em um final conflituoso de lutas binárias, as quais deixaram marcas textuais, e assim, formaram o que se conceitua contemporaneidade. Entretanto, tais marcas tiveram um valor, se assim se pode citar, positivo, uma vez que segundo Kujuwask, *a contemporaneidade é a última novidade posta em moda pela cultura de vanguarda*. Ao afirmar tal conceito o referido teórico observa o regresso às formas românticas de vida, direcionado no viés de que, a literatura da contemporaneidade de maneira alguma, poderá dissipar dos laços a escola anterior. Embora reconhecendo a precariedade de qualquer marco histórico e a dificuldade de datar qualquer acontecimento cultural. Trataremos como ponto referencial um estudo sistemático das marcas da literatura contemporânea a partir da década de vinte sendo fortificada com escritos dos anos posteriores. Fabio Lucas em sua obra *O caráter Social da Literatura Brasileira* indaga que é:

sabido que qualquer corte temporal no corpo de um cultura, se bem que possa contentar o velho gosto da análise diacrônica da evolução literária, não deixa de revelar manifestações sincrônicas de estilos, tanto mais numerosas e diferenciadas quanto mais instável e transicional é a sociedade considerada. (LUCAS, 1976, p. 99).

Implica discorrer acerca das marcas de subjetividades trazidas em textos ficcionais por diferentes autores, cujo enredo do texto traz ao leitor um desenho linear da trama não fugindo linearmente dos traços das escolas anteriores, mas desenvolvendo uma literatura nova, ou seja, “procurando destruir o passado, revelar-se o seu modo, um continuador do passado, pois o modificou energeticamente sem perder-lhe certas qualidades de base.” (Lucas, 1976, p. 99).



Desta maneira entende-se como uma literatura que visa discorrer a historia em momentos rápidos como um snapshot, palavra da língua inglesa que nós dá a idéia do olhar sobre um determinados instantes, marcado por situações inusitadas do cotidiano urbano, as quais estão recheadas de situações imagéticas que indicam tendências à descrição de caracteres patológicos e de estados de espíritos perturbados por situações dramáticas.

No que se diz respeito à literatura contemporânea, os fatores subjetivos que norteiam os relacionamentos entre os homens, levam os leitores a uma reflexão sobre a evolução da conduta humana, ressaltando que os valores éticos que sempre foram estritamente necessários para a convivência social, advém das marcas deixadas pela raiz da maior descendente que surge no final da terceira fase do moderno (GRISI, 2004, p. 02).

Tal legado que Grisi (2004) em sua tese de mestrado, discorre acerca da impossibilidades da literatura contemporânea de desligar-se do Modernismo porque observa-se, mais uma vez, a impraticabilidade de renunciar uma tradição. Segundo Kujuwask em sua dissertação acerca das crises do século XX, expõe numa visão linear as marcas trazidas pela literatura contemporânea advindas do período anterior. Segundo ele:

A Contemporaneidade é a última novidade posta em moda pela cultura de vanguarda, uma vez que traz em sua essência possíveis características do pós-moderno tais como: O regresso a formas românticas de vida, a retomada do contato com a natureza; as relações entre trabalho e a margem crescente de ócio; a urbanidade; os superdotados; o futuro da família fora do esquema patriarcal; a cibernética; a possibilidade e realidade de novo tipo de civilização no trópico etc. (Kujuwask, 1993, p. 20)

Para entender se mais acerca de tal conceito transmitido através da passagem do século é necessário a compreensão da funcionabilidade da literatura moderna, do que se propunha neste período. Compreender modernidade, não medida em extensões exatas, lineares, mas sim através do vôo condoreiro e articulado a respeito de como os literatos da época retratariam ficcionalmente a realidade. A literatura moderna vem em movimentos formulados, no sentido de fazer rearticulação da escrita nacional, questionando a literatura que vinha sendo produzida até então, os padrões eurocêtricos aprofundados na produção brasileira e a cânone tradicional, já que o pós-moderno tem duplo sentido: ora designa a continuação das tendências modernas, ora a oposição a essas tendências (KUJUWASK, 1983).

A escrita moderna constrói uma ponte literária, que sai do viés europeu, e busca uma nova roupagem literária. Nesta, personagens são vistos como co-autores

da trama, no sentido de trazerem consigo marcas históricas, éticas morais, para retratar uma realidade diferente das dos moldes europeus. O estudo da psique humana torna-se uma ferramenta discreta, contudo ágil para não fugir de todo dos dogmas deixados desde a idade média, em que o homem estava como o centro das atenções. Mas naquela época via-se o homem como capaz de resolver os problemas do mundo. A partir dos tempos modernos aquele que detinha a maior atenção da humanidade ainda está em foco de estudo, porém como paciente da sua própria neurose, de seus medos. Um ser capaz de tirar pequenas fotos do cotidiano, esquecendo-se que ele está presente deste mesmo ciclo repleto de sensações e traumas.

É fato que a contemporaneidade literária, segundo Grisi, visa fugir das marcas modernas, contudo as conexões características são, mais uma vez, impassíveis de renunciar a tradição deixada. É passível de explicação, porque depois da Segunda Guerra mundial, o crescimento industrial nos grandes centros das cidades brasileiras favoreceu a expansão de novos centros dinâmicos internos e, como consequência, uma urbanização mais intensa, alargando o confronto entre o Localismo e o Cosmopolitismo. Destarte, como descreve Fábio Lucas em seu estudo há em

contrapartida ao espírito de imitação das obras estrangeiras, do complexo de inferioridade colonial, prolonga-se a tradição nacionalista que, lamentavelmente, tem por preocupação fundamental exaltar o homem, a natureza e as grandezas nacionais, sem elevar o índice de racionalidade dessa exaltação e sem conduzir esse projeto aos aspectos intrinsecamente nacionais. (LUCAS, 1976, p. 103).

Fábio Lucas vê o cunho nacionalista como um grande avanço da literatura nacional, contudo as características apresentadas pelos escritores da época focados em exaltação do homem e das peculiaridades naturais nacionais, fizeram da literatura um projeto grandioso em exaltação, mas índices de racionalidade significativos de exaltação não tão esperados por ele para que o projeto pudesse transcender a dependência externa de outras épocas, ou seja, segundo o referido autor houveram poucas atuações na produção de uma literatura mais focada ao racional, para que não houvesse a influência de escolas estrangeiras o que segundo ele aconteceu.

Para a Literatura brasileira contemporânea, a experiência internacional tem sido útil na medida em que é adaptada ao modo de ser nacional e as exigências do meio e as circunstâncias internas.

A literatura contemporânea investiga os traumas dos homens a partir das suas experiências passadas, e que deixam marcas no decorrer da narrativa. Locais, momentos, situações vividas, são trazidas a discussão no sentido de a impotência do homem ao movimento do tempo. Tempo este que é sincrônico, vivido em suas experiências pessoais, dentro do seu espaço natural, ou seja, a partir da realidade que o cerca.

Exemplos destas peculiaridades tornam-se visíveis, uma vez que na pós modernidade quanto no período denominado Contemporaneidade, há traços de ruptura da hegemonia do pensamento positivista, condições que reforçam a idéia de impraticabilidade de renúncia dos traços hereditários entre a modernidade e contemporaneidade, no sentido de existência de uma escrita diferenciada, única que está ligada a fatores internos, advindos da condição humana. Fábio Lucas ratifica esses traços, quando nos dá um exemplo do uso da língua;

Na situação atual do Brasil, alguns escritores começam a conceber a língua não mais como um instrumento para representar uma realidade objetiva, cujo conteúdo se pretende apresentar e criar, não mais como um elo transparente entre a subjetividade e a objetividade; a linguagem literária começa a aparecer, ela também, como objeto portador de realidade própria. (LUCAS, 1976, p. 105).

Pode-se dizer, à vista do que está exposto acima, que a literatura contemporânea foi revestida pelo uso expressões da própria língua, no propósito de aperfeiçoar as características nacionais na própria literatura. Para isso, foi-se necessário a utilização de uma ferramenta na aragem do campo semântico e narrativo da obras do período, fez-se uso do Expressionismo que, de certa forma, foi em linha contrária ao viés documental. Lucas (1976) diz que o Expressionismo traduz a faculdade de reproduzir as sensações despertadas por impressões externas ou internas, ou seja, o Expressionismo leva a conceber a narrativa como simples fotografia convencional da realidade, as imagens reproduzidas não observam vinculação com as propriedades reais dos objetos geradores das impressões. Portanto, recusa-se a descrever as ocorrências ou as visões, mas se fixa no que o comove, diante de um acontecimento ou de um objeto.

O objetivo deste estudo não é aqui descrever a sociedade contemporânea ocidental em toda a sua história e glamour ou de um estudo detalhado das características contemporâneas. A proposta é traçar algumas idéias, levantar alguns questionamentos acerca da literatura Contemporânea em sua produção, idéias, principalmente na década corrente, direcionando o estudo em função de algumas características vistas em alguns materiais literários observados, suscitando questionamentos como: Porque a literatura contemporânea no movimento quase que cíclico, busca quebrar com a hegemonia do pensamento positivista num espaço urbano? Qual o interesse dos literatos em verificar a mobilidade do homem dentro de um cosmos globalizado e repleto de “novidades”, mas que no romper das linhas de conhecimento pragmático, retornam ao passado, trazendo questionamentos, indagações complexas, distintas, ocasionando psicopatologias? Este mesmo ser, não estaria vivendo a Contemporaneidade numa pseudo-estrutura Pós-moderna?

Para ilustrar, especialmente, as indagações acima, faz-se o uso de alguns recortes de um livro de ficção que, mais do que criar personagens, descreve a vida e do impasse de um intelectual diante da vida prática, um local urbano. A todo instante, procura refúgio em outra possibilidade que, página seguida de página, capítulo após capítulo, se revelará o seu destino. Um enredo, entre outras finalidades, para discutir o paradoxo insolúvel que é a condição humana, da qual ninguém escapa, estando presente nisto, o que conceituam de Contemporaneidade.

Como foi mostrado anteriormente, *Lunaris*, do escritor baiano Carlos Ribeiro, se faz um livro interessante: pela reflexão a respeito do homem diante de seu destino e pela discussão sobre literatura - e ainda por apresentar uma Salvador literária destituída da trilha sonora que propõe um estado de alegria permanente, não o bastante, condicionadora de comportamentos psicossomáticos, - o gafanhoto pós-moderno - usufruir, flunar e destruir.

Por ser uma escrita recente, no início da narrativa do ato ficcional *Lunaris*, há uma exposição detalhada do cotidiano do personagem Alberto. O narrador conota a idéia de “uma vaga apreensão” que tomava o espírito. *Sensações que lhe tomavam a atenção em suas ações diárias. Como se existisse uma história paralela, misteriosa que não se concretizava com palavras. Era o que sentia.* Analisando-se tais passagens do livro, adentraremos numa análise comportamental deste personagem. Aquele capaz de ter momentos súbitos de estranheza do existir, uma sensação quase insuportável de ser, de estar, por algum motivo misterioso,

habitando a ser uma “bola solta no espaço”. O deslocamento de sua existência para o ócio, uma crise existencial:

Já sentira aquela mesma sensação, algumas vezes, após acordar de um cochilo, depois do almoço. Ao abrir os olhos, vinha-lhes de súbito uma profunda estranheza do existir, uma sensação quase insuportável de ser, de estar, por algum motivo profundamente misterioso, habitando um pensamento que sequer tem a percepção de que é verdadeiramente. (RIBEIRO, 2007, p. 14).

A situação dramática central gira em torno de um homem que procura fugir das suas responsabilidades e encontrar novamente a si mesmo, ganhar uma explicação e um objetivo para vida, reincorporando-se no mundo definitivamente modificado. No seu complexo de culpa e no desejo, pouco a pouco manifestado, de ver-se punido, esbarra-se náufrago da sua própria existência.

O insolúvel do ser humano preso as suas próprias sensações, não advindas do momento em que vive, contudo partilha de imagens saudosistas, as quais estão presas à necessidade humana de questionar sua própria existência. Ribeiro trata de marcar na narrativa a questão do saudosismo, na necessidade humana de questionar. Essa visão é perpassada na seguinte passagem da narrativa: “Mesmo que tivesse em dia com sua consciência, não podia evitar a sensação desconfortável de que tudo ia mal com o mundo *lá fora*.” (RIBEIRO, 2007, p. 14).

Ao citar a expressão “o mundo lá fora” o protagonista da trama inicia sua jornada interior a procura de respostas do que está acontecendo com o mundo a sua volta, não sabendo que o maior problema, não era o mundo, uma vez que este continuará mascarando a situações, alçando pseudo valores de estigmas de bem estar, semeando a semente da insegurança, produzindo o fruto da perda de valores, em que ele está incluso.

Carlos Ribeiro transforma o narrador em um *Flauner*, ou seja, o indivíduo que observa a dinâmica da cidade. A intenção, neste momento é demonstrar que com o aumento das cidades as pessoas tiveram pouco tempo para si. O cotidiano transforma-se num emaranhado de deslocamento sem direção. Não há objetividade nas ações físicas. Assim, há mudança na dinâmica da sociedade, do indivíduo. A literatura neste enredo coloca elementos ficcionais, ou não, em suas escritas juntamente com marcas de inferência pessoal do próprio autor. Nota-se tal ocorrência quando o autor

Como se existisse outra história, paralela, misteriosa, que não se concretizava com palavras, fatos e acontecimentos. Uma forma de ser e

existir que ele apenas pressentia, ao sair por algum motivo do traçado habitual dos seus passos. Era o que sentia quando, no meio da tarde, chegava mais cedo do trabalho e se deixava ficar sentado, no sofá, na sala do apartamento, numa outrora silenciosa travessa do Caminho das Árvores. Podia ouvir a empregada preparando o jantar, um ou outro carro passando na rua, um passarinho cantando no alto de uma mangueira, o porteiro conversando com alguém no prédio em frente. E, envolvendo tudo, aquele estranho sentimento de gravidade, de profunda gravidade da vida. (RIBEIRO, 2007, p. 13).

A cidade é o meu elo com as pessoas. Uma forma de não me perder. Talvez tenha a ver com a idéia da solidão como caminho para a comunhão. A única forma de amar alguma coisa é saber-se separado dela. É impossível amar verdadeiramente se nos sentimos apenas como uma ovelha do rebanho. (RIBEIRO, 2007, p. 30).

Há, a partir deste momento, o retorno as interligações literárias de outrora. O retorno as raízes do período moderno. O escritor romântico, aquele que diz “eu sinto”, de encontro como o moderno que fala “eu vejo”. A fusão destas alegorias, da vida ao escritor contemporâneo, que a passos largos ou não, procurar uma individualidade distinta, porém indissociável daquelas que foram base para sua escrita.

Neste sentido há o momento que a máquina doutrina o sujeito, ou seja, o elemento ficcional, tende a não se adaptar, estará fora da engrenagem maior, que move a sociedade capitalista. O interesse do “homem” contemporâneo no cosmo urbano é a buscar de uma identidade, a qual o auxilie em direções concretas, no sentido de levá-lo a um determinado ponto o qual ele mesmo desconhece. O individuo, encontra-se deslocado, a parte do envolvimento social.

Já sentira aquela mesma sensação, algumas vezes, após acordar de um cochilo, depois do almoço. Ao abrir os olhos, vinha-lhe de súbito uma profunda estranheza do existir, uma sensação quase insuportável de ser, de estar, por algum motivo profundamente misterioso, habitando uma bola solta no espaço, cercada de vazios, de ser uma consciência, um pensamento que sequer tem a percepção de quem é, verdadeiramente. Sentia, então, abater-se sobre si uma forte percepção de da sua responsabilidade. (RIBEIRO, 2007, p. 14).

Na obra *Lunaris*, o autor, Carlos Ribeiro faz uso com maestria da subjetividade contemporânea, em que a idéia de literatura constitui-se de emaranhado de interdiscursos, ou seja, utiliza um cosmo amplo para descrever a construção da consciência crítica, com pitadas de marcas pessoais, na moldagem, ou não, de personagens capazes de reverter através do ato ficcional literário, as mazelas psíquicas criadas neste cosmo urbano contemporâneo. Para entender

melhor a tal pensamento buscou-se referencia junto a Davis em seu estudo “O renascimento urbano e o espírito do pós-modernismo”, cujo trabalho volta-se para a análise cultural feita no ensaio de Fredric Jameson a qual é uma audaciosa tentativa de argumentar em favor da transição memorável do período pós-modernismo. Davis cita que:

O pós modernismo de Jameson tende a homogeneizar os detalhes da paisagem contemporânea, a agrupar num conceito-mestre um numero demasiadamente grande de fenômenos contraditórios que o personagem passa e que apesar de indiscutíveis e visíveis no mesmo momento cronológico, ainda assim estão separados em suas verdadeiras temporalidades. (DAVIS, 1993. p. 107).

Observa-se na passagem acima que Davis discursa sobre a homogeneização da paisagem contemporânea. Descreve a relacionar aquela homogeneização com aspectos contraditórios do cotidiano do personagem. Essa característica contemporânea apresenta-se também na obra *Lunaris*, porque dentro desta obra são visíveis as passagens de tempos cronológicos, em que o personagem refere-se em diversas partes da obra à Salvador dos anos 70, deixando pistas de marcas pessoais na obra como podemos notar na passagem abaixo quando o personagem descreve as mudanças ocorridas na cidade desde os anos 70:

O que não havia modificado desde os anos 70? Este era o primeiro problema. A verdade é que fora justamente nesses últimos trinta anos que a cidade de Salvador passara por suas mais profundas mudanças. É claro que hoje há muito mais lugares onde você pode comprar coisas, mas o que havia de verdadeiramente humano e de original na cidade fora varrido pelo crescimento urbano. As dunas do Abaeté, na quais andava sem o mínimo receio, foram desfiguradas pela especulação imobiliária. (RIBEIRO, 2007, p. 25).

Davis ao se referir ao estudo de Jameson na parte de *fenômenos contraditórios que o personagem passa e que apesar de indiscutíveis e visíveis no mesmo momento cronológico, ainda assim estão separados em suas verdadeiras temporalidades.*(DAVIS, 1993. p. 107). Ressalta-se na obra *Lunaris* este fato cronológico, a partir do momento em que o narrador fala da técnica em que Alberto, o personagem, usa para sincronizar-se no tempo para que haja uma fuga do momento presente: “Alberto já se havia familiarizado, razoavelmente, com a técnica de sintonizar tempo, espaço e dimensões diversos. Não podia, é claro, prever o que a aconteceria nem como aconteceria.” (RIBEIRO, 2007, p. 111).

O autor utiliza-se de uma engenhosidade intelectual para ressaltar a necessidade do personagem em fugir da realidade. Buscar um novo cosmo em que haja novas experiências, ou seja, há neste momento uma fuga da realidade, marca presente também na narrativa Romântica e Arcade.

Durante a leitura do romance é perceptível a presença de algumas características modernas adentrando no campo narrativo do texto contemporâneo. Tais características são vistas como uma ruptura com o passado, secularização onde há o rompimento da estreita unidade sócio política como transcendente criando assim uma autonomia das realidades terrestres no campo ficcional. A religião perde sua primazia de pertença a sociedade, onde deixa de ser apenas do âmbito clérigo e passa para o âmbito do privado. Rompimento do conceito de natureza que unia o humano com o divino a partir daquele momento aceita-se apenas o mundo humano. A religião não tem nenhuma relevância para a vida social: ela não é mais unificadora. A fé se restringe à vida particular. Isso provoca o surgimento de muitas manifestações religiosas.

Carlos Ribeiro em *Lunaris* se utiliza de uma estrutura narrativa que em diferentes momentos da obra cria no romance um aspecto de novela moderna, onde é passível a interação com algumas das características modernas. Enriquece a obra com aspectos de um período cujo conteúdo fora trabalhado no início do século XX e que manifesta-se presentemente na obra contemporânea. É fatídico a secularização, onde há o rompimento da estreita unidade sócio política na obra. Pode-se observar quando Alberto lia *A ditadura escancarada*, de Élio Gaspari em faz uma crítica as ideologias políticas revolucionárias do anos 60/70 que segundo ele, levavam vários jovens a morte.

A ideologia, fosse ela qual fosse, parecia-lhe ali uma armadilha cujas conseqüências eram quase sempre funestas. De cerra forma, os veteranos das organizações esquerdistas, que recrutavam jovens para suas aventuras armadas de tomada do poder, pareciam-lhe também responsáveis por suas mortes"... "Deixando para trás jovens de vinte e poucos anos, levado a uma aventura política que nada mais era que uma caminhada para morte. (RIBEIRO, 2007, p. 39).

Para o personagem *“todos os lados que olhava, a vida era, uma grande armadilha.* Para Alberto, a vida política, a luta social não é de valia, a única atitude que lhe parecera, por algum tempo, mais justa era a da resistência pacífica de um Gandhi.” (RIBEIRO, 2007, p. 39), com isto é notável a característica moderna



apresentando-se com uma nova roupagem no texto contemporâneo. Significativamente a visão anarquista que paira no texto, uma idéia de distanciamento de qualquer forma de governo, é aceita pois o narrador em terceira pessoa descreve o sentimento de aversão do personagem ao sistema político. Para ele está em estado de interrupção a vida política serve como a mais justa ocasião para um motim pacífico comparada ao um dos maiores pacificadores da época contemporânea Gandhi. Reinventa-se uma velha forma de peleja a ação política. No modernismo buscava-se a renovação de todos os aspectos nas artes, política. Criou-se uma crise da autoridade em que a modernidade não reconhece mais a autoridade pela sua instituição, ela é apenas tolerada. Ribeiro traz tais características a sua narrativa, proporcionando ao leitor uma análise das relações políticas que outrora foram tratadas em diversos textos como os de Oswald de Andrade e que ainda estão presentes na literatura contemporânea, usadas no crescimento intelectual, político da literatura.

Ao se ler a história contada por Carlos Ribeiro acerca das crises presentes na vida do protagonista da obra, pode-se perceber várias citações sobre o Relativismo. A modernidade criou uma postura relativista até do que sempre foi assumido com mais rigor. Relativizou-se o tempo, as leis, a ciência, a história. Alberto em diferentes momentos na obra faz menção a tais fatores, principalmente quando Alberto dirigiu-se para Lunarís, o seu lugar de fuga, refúgio. O local onde ele pode discutir suas angústias, as infinitas sensações que lhe tocavam o espírito, o que realmente pensava do mundo. Tais pensamentos segundo Alberto advém da idéias do poeta Baudelaire. Alberto em suas palavras dá razão *a tendência estúpida de se mistificar as dores alheias, imbuindo-as de um glamour que, na crua realidade, nunca existiu*. Leva suas preocupações para Lunarís onde conversando com um dos seus amigos intelectuais escuta alguns conselhos sobre tais pensamento:

O Ceticismo e o sarcasmo, refúgio do homem moderno, tornaram-se uma arma voltada contra ele próprio. Mas, com todos os riscos da empreitada, talvez seja o momento, neste início de século, de se ter coragem de voltar a acreditar em valores sólidos, mesmo que correndo o risco de se incorrer em novos erros. (RIBEIRO, 2007, p. 39).

Segundo o intelectual amigo de Alberto o ceticismo e desânimo são esconderijos ou armas contra a ordem social vigente, pois qualquer busca humana corre o risco de ser criticada e suplantada. Mas acreditando em valores mais sólidos

o amigo de Alberto tenta animá-lo a voltar-se contra tais valores insólitos para que não seja parte deste senso comum da modernidade acelerada, a sensação de inutilidade onde tudo é passageiro.

O racionalismo criou uma nova postura frente à existência. A razão foi assumida como o fator de suplantação da menoridade criada pela religião, pela tradição e pela autoridade. Esta imanência que a modernidade assume, é assumida como autônomo, sem implicações com um ser superior, ou seja, não há uma organização, uma hierarquia. Alberto se vê assustado com todas estas mudanças, que de qualquer forma advém de outrora. Não se procura no mundo transcendente explicação para a vida, para a história e para a natureza. Tudo é frívolo. Uma das razões para que o personagem busca um refúgio em Lunarís para que possa escapar das preocupações desta contemporaneidade que de qualquer forma traz vigentemente, características da modernidade chamada acelerada.

Observamos tais peculiares na obra, quando o narrador descreve pensamentos do geógrafo Milton Santos em entrevista ao professor Carlos Ribeiro, onde Milton Santos denunciara o surgimento de *“imagens feéricas e enganosas da globalização,”* ou seja, *“a morte do pensamento.”* (2007, p. 41):

A idéia de generosidade que a gente praticou até os anos 60, e que levava à noção de utopia e de possibilidade de realização da utopia, ela voltará. Nós temos que voltar urgentemente a noção de Homem, do humanismo. Isso é que vai ser o grande fanal... – O homem está sendo mutilado pela realização histórica atual- dizia o professor”... “dizia que nós tínhamos o dever de resistir, de impedir que ano nos deixassem ser completamente homens, que precisávamos recuperar a idéia de humanismo. Precisávamos resistir à idéia terrível de sermos reduzidos a meros consumidores. Precisamos resistir ao Mercado, este Big Brother desses tempos ociosos, sem substância. (RIBEIRO, 2007, p. 42)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre se ouve dizer que ao ler uma obra literária pode-se notar, através de suas características, a qual período literário ela pertence, pois cada período literário apresenta características distintas em relação aos demais. No entanto, ao término dessa pesquisa, foi possível constatar que essa afirmação é correta quando nos referimos aos períodos anteriores ao contemporâneo. Isso ocorre devido às constantes mudanças no contexto histórico desse período.

Os avanços científicos e tecnológicos, o crescimento acelerado das redes de comunicação, bem como o acúmulo de informações tornaram a vida dinâmica demais. Tudo se tornou mais dinâmico, mais efêmero. Informações e aparatos tecnológicos se renovam a cada dia. As cidades crescem e se modificam diariamente em um movimento frenético.

Diante desse panorama, o homem contemporâneo teve que se adequar a isso e passou a desempenhar diferentes atividades simultaneamente. As opiniões, antes formadas, mudam com a mesma velocidade como tudo ao seu redor, gerando assim uma sociedade múltipla, mista. O próprio indivíduo se tornou multifacetado, com diferentes concepções acerca de um mesmo fato tentando constantemente adequá-las ao contexto em que aparecem.

Toda essa inconstância se reflete na literatura do período. Assim como há diferentes indivíduos, com opiniões e características singulares, há autores que optam por diferentes formas de escrita, cada um escolhendo, a maneira que considera melhor para retratar, expor, interpretar e analisar a realidade ou seus medos e anseios diante dela. É por esta razão que não se pode determinar um padrão para a escrita contemporânea. Nesse período as características são tantas que se fundem e se confundem com as de períodos anteriores. É o que se pode notar, por exemplo, ao ler a obra *Lunaris*, de Carlos Ribeiro, objeto de estudo deste trabalho.

Como fora dito na introdução deste trabalho, a análise da obra *Lunaris*, de Carlos Ribeiro, leva o leitor a refletir acerca das características da escrita contemporânea. Seriam essas características novas ou simplesmente o retorno de características de períodos literários anteriores? Seria a escrita contemporânea o

resultado de uma mistura de elementos de escolas literárias anteriores? E se for, como isso se deu?

Ao analisar obras da atualidade fica difícil não notar que se encontram nelas presentes características de escolas literárias do passado. Mas por que isso ocorre? Será que somente as obras contemporâneas trazem de volta elementos do passado?

As respostas para essas questões foram encontradas partindo de pesquisas e leituras sobre as características que permanecem de um movimento literário para outro dentro da obra em estudo.

Depois de buscar informações sobre os diferentes períodos da literatura, pode-se constatar que, de fato, o que determina as características de um período literário é a ação do contexto histórico, ou seja, o conjunto de acontecimentos socioculturais de uma época, no ideário do homem, que por sua vez, converte seus anseios, frustrações, sentimentos, pensamentos, bem como, a forma de perceber o mundo para a literatura.

Dessa forma, pode-se constatar também que muitas vezes as características de um período extinto reaparecem, anos mais tarde, em outro, por razões diferentes. O homem romântico, por exemplo, buscava evadir-se da realidade por motivos bem diferentes que levam o homem contemporâneo a fazer o mesmo. Ambos desejam a fuga da realidade, porém por motivos diferentes.

Como embasamento complementar ao estudo do discurso contemporâneo foram tomados os textos de estudiosos como Stuart Hall, Eagleton, Cartemagori, entre outros. O uso desses textos se fez de maneira positiva para a realização deste trabalho, pois foi através deles que se conseguiu observar de maneira mais clara como o discurso da contemporaneidade, está presente e está sendo estudado nos dias atuais perante a sociedade. A relação que o homem estabelece com o mundo em que vive, o modo como deseja viver e a busca pela felicidade e sucesso constante, as contradições, os conflitos internos são evidenciados por meio de temas que revelam a passagem do tempo marcando um saudosismo caracterizado pelos confrontos binários apontados por Hall, os quais são os principais fatores que fizeram essa literatura ganhar vida e se espalhar de maneira tão relevante. Partindo da idéia de que o homem do século XXI busca uma literatura não que o ajude, mas especifique a questão da transformação do homem, principalmente, no cosmo urbano.

O discurso da contemporaneidade vem de maneira simples, com discussões acerca das marcas deixadas ao decorrer de cada momento literário, tendo como objeto o homem, principalmente dos grandes centros. Homem este caracterizado por separações e dualidades. Um confronto entre o racional e irracional. Marca-se como uma literatura de descobertas do valor intimista da confissão de momentos, de vivências e experiências psicológicas, fazendo-se necessária para a existência de uma obra contemporânea que descreva como tardiamente, uma crise de um período que poderá estar presente em períodos subseqüentes.

É nessa perspectiva que se conseguiu encontrar uma justificativa para o ingresso de *Lunaris* e, respectivamente, sua popularidade e sucesso em relação a esse tipo de discurso. Observou-se o personagem principal passar pelas fases de uma crise existencialista, sendo ajudado a passar por duas delas por meio de um casamento. Isso implica comentar a necessidade do personagem em buscar uma evasão da sua realidade.

Como embasamento teórico recorreu-se aos pressupostos de, Gilberto de Mello Kujawaski em *A crise do século XX*; Fredric Jameson em *O pós-modernismo e a sociedade de consumo*; Massaud Moisés em *A criação literária: Prosa e outros*. Todos esses tópicos se fazem presentes na obra analisada e permitiram entender o modo como o autor produz sentido em seus textos e alcança o cerne do comportamento humano, principalmente no âmbito urbano contemporâneo. O autor parte do ponto de um discurso já dito, somente o mascara, muda a forma e o faz como seu, tendo em vista que a memória discursiva do próprio autor traz suas marcas pessoais em alguns momentos do texto. Fato este que causa um impacto na questão do narrador que é visto como um *Flauner*, ou seja, o indivíduo que observa a dinâmica da cidade, num emaranhado de deslocamentos sem direções fixas. O indivíduo encontra-se deslocado, a parte do envolvimento social, dando vazão a um novo cosmos em que se pode viver novas sensações, que em algum momento foram bloqueadas ou deixadas para trás e que naquele momento se encontra palpável.

Assim, após diversas leituras e pesquisas, finalizamos nosso estudo de uma maneira positiva, acreditando que podemos acrescentar algo no estudo deste tipo de discurso do homem pós-contemporâneo dentro da obra *Lunaris* do autor baiano Carlos Ribeiro.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fialho de. *O país das uvas*. Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses.
- ÁVILA, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- CADEMARTORI, Lígia. *Períodos literários*. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- CEREJA, Willian Roberto, MAGALHÃES, THEREZA COCHAR. *Panorama da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Atual Editora. 1997 p. 158 -171.
- COELHO, Teixeira. *Moderno – Pós Moderno*. Ed. Hipótese
- CUNHA, Helena Parente. Vento, Ventania, Vendaval. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 108 – 110.
- DASCASTAGNÉ, Regina. *Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea*. Editora Ipotesi: Juiz de Fora – v7 – n2 – p. 11-28, 2003
- DAVIS, Mike. *O renascimento urbano e o espírito do pós-modernismo*. In: KAPLAN, Ann. *O mal-estar no Pós-modernismo: Teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 106 – 116.
- Discutindo Literatura*. Ano 3, ISSN 1807-6033-13, n 13, Editora Escala Educacional, São Paulo.
- EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo; UNESP, 2005.
- FONSECA. Rubem. *Feliz Ano Novo: Contos*. São Paulo: CIA das Letras, 2000 p. 163 – 174.
- GRAÇAS FERNANDES, Maria das. Conto e Música: diálogo com as periferias. Disponível em: HTTP:/ [WWW.letras.ufmg.br/atelaetexto/pesquisaantonieta3.htm](http://WWW.letras.ufmg.br/atelaetexto/pesquisaantonieta3.htm)> Acesso em 18 de junho de 2010.
- GRISI, LORENA. *Caminhos e desvios da literatura brasileira*. Disponível em: http://www.hyperion.ufba.br/revista\_7\_04.htm> Acesso em 20 de junho de 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós – Modernidade*. Trad. DP&A editora. Edição 3. Editora Blackwell Publisher. Rio de Janeiro, 2003.
- HERÉDIA, Kênia Aulízia. *De cócoras – a literatura contemporânea na sala de aula*. Disponível em : HTTP:/ [WWW.letras.ufmg.br/atelaetexto/pesquisaantonieta3.htm](http://WWW.letras.ufmg.br/atelaetexto/pesquisaantonieta3.htm)> Acesso em 18 de junho de 2010.

JAMESON, Fredric. *O pós- modernismo e a sociedade de consumo*. In: KAPLAN, Ann. *O mal-estar no Pós-modernismo: Teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 25-44.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do Século XX*. São Paulo: Ática, 1988.

LEFEBVRE, Henri. *Introdução à Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LIMA, Jorge de. *Melhores poemas. Sel. De Gilberto Mendonça Teles*. São Paulo: Global, 2001. p. 11 – 16; 43 – 49, 55 – 60.

LUCAS, Fábio. *O Caráter social da Literatura Brasileira*. 2. Ed. São Paulo, Quiron, 1976.

MARTINS, Simone. *Contemporaneidade : uma psicopatia americana?*. Psic. estud. Vol. 13 no 1 Maringá Jan / Março 2008. Disponível em : <HTTP://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000100005&script=sci> . Acesso em 21: julho 2010.

MOISES, Massaud. *A criação literária: Prosa*. São Paulo: Cultrix, 1983. p. 245 – 258.

MONTAG, Warren. *O que está em jogo no debate sobre o pós-modernismo?* In: KAPLAN, Ann. *O mal-estar no Pós-modernismo: Teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 117 - 135.

PATRICIO, Rosana Ribeiro. *Momento num café* (Poema de Manuel Bandeira). Ensaista, cursa Doutorado em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. 2008.

PENHA, João da. *O que é existencialismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PFEIL, Fred. *Pegadores de painelas e subincisões: sobre O homem de negócios, Fiskadoro e o paraíso pós-moderno*. In: KAPLAN, Ann. *O mal-estar no Pós-modernismo: Teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 81- 103.

POLAN, Dana. *O pós- modernismo e a análise cultural na atualidade*. In: KAPLAN, Ann. *O mal-estar no Pós-modernismo: Teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 65-80.

RIBEIRO, Carlos. *Lunaris*. EPP Publicações e Publicidade, 2007.

RIBEIRO, Carlos. *O segredo*. In. FERNANDES, Rinaldo de. *Contos Cruéis*. São Paulo: Geração Editorial, 2006. p. 95-105.